



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**Convergências e Divergências  
Familiares em Torno da Orientação  
Sexual dos Filhos:  
Um Estudo Exploratório**

**Denise Filipa da Silva Reis**

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Doutora Heldemerina Samutelela Pires

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização: *Psicologia da Educação*

Dissertação

Évora, 2018

*Ao meu avô Tony  
Por este ser o seu grande orgulho*

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Doutora Heldermerina Pires que mais que uma profissional brilhante é um ser humano de uma sensibilidade inestimável. Sem o seu apoio incondicional nos vários momentos difíceis que atravessei durante esta caminhada, não teria sido possível a realização deste sonho. A ela que faz jus ao título de orientadora, dedico um profundo carinho e gratidão.

À minha mãe Elga Silva, por todo o amor incondicional, por me ter dado a oportunidade de seguir o meu sonho, por todos os valores que me concedeu e especialmente por acreditar em mim.

Ao meu irmão, que é a minha maior força e o meu amor maior. Por tudo aquilo que és e representas, espero que estejas ciente daquilo que significas para mim.

Ao Pedro, por me ter acompanhado nesta dura batalha, por nunca ter duvidado das minhas capacidades, por ter sido o meu porto de abrigo a cada vez que o percurso me parecia demasiado assustador. Por tudo o que significas para mim sou-te eternamente grata!

À minha família académica que sempre me deu força e que sempre me fez acreditar que a luta não seria inglória. Por terem estado presentes nos momentos mais complicados e por terem dado real sentido à minha estadia em Évora. Todos vocês são insubstituíveis.

À Cláudia Silva, por ter sido mais que uma irmã, por me ter feito companhia durante várias noites, por todo o apoio, por todas as caminhadas, pela dedicação e paciência e claro, como não podia deixar de ser, por todas as tostas!

À minha outra mãe, Fátima Esturrenho, por ser minha confidente e por dar sentido a tudo aquilo que parecia um caos.

Ao meu avô Tony por se mostrar forte, por se revelar orgulhoso e por ter partilhado comigo mais uma fase tão importante da minha vida.

À minha família por todo o apoio.

À minha prima Alexandra, à Catarina Moniz, à Adneusa Vieira e à Ana Rita porque sem vocês a análise de dados nunca poderia ter sido concluída no prazo previsto.

Ao Paulo Agoas que soube ser mais que um tutor, que me soube ouvir e sossegar, que me fez acreditar quando em mim apenas existiam dúvidas. Por ter sido um pai e ainda hoje procurar por mim para me felicitar e para demonstrar o seu orgulho pelas minhas conquistas.

## **Convergências e Divergências Familiares em Torno da Orientação Sexual dos Filhos: Um Estudo Exploratório**

### **Resumo**

A abordagem da problemática da homossexualidade tem vindo a ganhar lugar ao longo dos últimos anos, no entanto, a existência de trabalhos sobre este tema conjugado com a família nuclear (pai e mãe) é praticamente inexistente, embora de grande relevância. Assim, a presente investigação tem como objetivo verificar qual o tipo de percepção de aceitação que é apreendido pela pessoa homossexual tendo esta efetuado o processo de *coming out perante* os progenitores ou encontrando-se na eminência de o fazer. Os resultados obtidos, através da análise de conteúdo das entrevistas efetuadas, revelam-nos que o processo de aceitação dos progenitores, percecionado pelos filhos é maioritariamente negativo. O processo de auto-aceitação por parte dos participantes que efetuaram o processo de coming out mostrou-se maioritariamente complicado.

**Palavras-Chave:** Homossexualidade, *coming out*, família nuclear, aceitação, auto-aceitação.

## **Families Convergences and Divergences Around Children Sexual Orientation: An Exploratory Study**

### **Abstract**

The way of addressing the problematics of homosexuality has been increasing in the last couple of years. Nevertheless, scholarly work regarding this topic along with the subject of nuclear family (father and mother) is practically nonexistent, despite being of great relevance, therefore the aim of the present research is to verify what is the kind of perception of acceptance realized by the homosexual person having underwent the process of coming out before the parents or if this same process is imminent. The results obtained through the analysis of content present in the interviews which were conducted, reveal us that the process of parents' acceptance as perceived by their sons is mostly negative. The process of self-acceptance from the ones who underwent the process of coming out before the parents turned out to be a difficult one, for the most part.

**Key-Words:** Homosexuality, *coming out*, nuclear family, acceptance, self-acceptance.

## Índice Geral

Introdução.....	1
Parte I - Enquadramento Teórico.....	3
Capítulo I – A Homossexualidade.....	3
1.1. Conceito e Definição .....	3
1.2. Desenvolvimento da orientação sexual .....	5
1.3. Modelos Explicativos da Homossexualidade .....	8
1.4. A descoberta da homossexualidade/Processo de coming out .....	12
Capítulo II – A pessoa homossexual na família .....	17
2.1. Conceito e definição sistémica da família .....	17
2.2. A pessoa homossexual na família .....	21
2.3. Relacionamento Familiar Após Revelação .....	27
Capítulo III – Aceitar a diferença.....	29
Parte II – Estudo Empírico .....	33
Capítulo IV - Método.....	33
4.1. Considerações metodológicas.....	33
4.2. Problemática em estudo.....	35
4.3. Objetivos do estudo.....	36
4.3.1. Objectivo geral .....	36
4.3.2. Objetivos Específicos .....	37
4.4. Critérios de inclusão no estudo.....	37
4.5. Caracterização dos participantes.....	37
4.5.1. Instrumentos .....	39
4.5.2. Procedimentos .....	40
4.6. Tratamento dos dados.....	41
4.7. Sistema de categorias .....	44
4.8. Análise e discussão dos resultados.....	60

4.8.1. Processo de auto-aceitação .....	60
4.8.2. Processo de tomada de decisão .....	61
4.8.3. Influência do processo de coming out nas relações familiares ..	62
4.8.4. Repercussões do processo de coming out.....	62
4.8.5. Fatores que influenciam a aceitação parental .....	63
4.8.6. Estados de luto de Kubler-Ross .....	63
4.8.7. Alterações no núcleo familiar .....	65
Conclusão.....	67
Referências .....	70

#### Anexos

Anexo I .....	82
Anexo II - Guião de entrevista: Indivíduos/as assumidos/as .....	83
Anexo III – Guião de entrevista: Indivíduos não assumidos .....	88
Anexo IV – Consentimento Informado .....	93

#### Índice de Quadros

Quadro 1: Caracterização sócio-demográfica dos participantes assumidos perante os progenitores (Grupo 1).....	38
Quadro 2: Caracterização sócio-demográfica dos participantes não assumidos perante os progenitores (Grupo 2) .....	39
Quadro 3: Categoria 1 – Processo de auto-aceitação.....	46
Quadro 4: Categoria 2 – Processo de tomada de decisão .....	48
Quadro 5: Categoria 3 – Influência do processo de <i>coming out</i> nas relações familiares	51
Quadro 6: Categoria 4 – Repercussões do processo de <i>coming out</i> .....	53
Quadro 7: Categoria 5 – Processo de aceitação parental .....	55
Quadro 8: Categoria 6 – Estados de luto de Kubler-Ross.....	57
Quadro 9: Categoria 7 – Alterações no núcleo familiar .....	59

## Introdução

A escrita sobre a temática da Orientação sexual, mais especificamente sobre a homossexualidade, na área da psicologia e psiquiatria portuguesas, é ainda pouco frequente. No entanto, abordar este tema relacionando-o com a família mostra-se ainda menos frequente (Frazão & Rosário, 2008).

São inúmeros os adolescentes e jovens adultos que optam por revelar a sua orientação sexual à comunidade que os rodeia, sendo que no caso específico da família, muitos dos indivíduos sentem a necessidade de a revelar, por se considerarem incapazes de a manter em segredo.

Durante bastante tempo, os homossexuais foram retratados como pessoas afastadas das suas famílias, no entanto, ao longo dos tempos este pensamento tem-se vindo a alterar, uma vez que a revelação da identidade sexual e a manutenção de contactos com esta se têm vindo a mostrar de extrema importância (LaSala, 2000; Goldfried & Goldfried, 2001). Desta forma, a tomada de decisão sobre quando e a quem revelar a Orientação sexual, no contexto familiar, torna-se uma questão complexa. Alguns autores referem ainda que a revelação da identidade sexual à família segue um padrão. Inicialmente é revelada aos irmãos, mais tarde às mães e, só posteriormente, aos pais (LaSala, 2000; Cianciotto & Cahill, 2003).

A revelação da orientação sexual à família (processo de *coming out*) leva diversas vezes a uma crise familiar, uma vez que a reação típica dos membros é negativa existindo, diversas vezes, rejeição emocional, violência verbal e/ou física e até mesmo a expulsão de casa. Para que possa existir uma resolução da crise é imprescindível que a família apresente elevados níveis de flexibilidade, de forma a proceder às transformações necessárias para se adaptar ao seu novo estado de equilíbrio (Pinheiro, 2010).



## Parte I - Enquadramento Teórico

### Capítulo I – A Homossexualidade

#### 1.1. Conceito e Definição

Abordar a temática da homossexualidade leva-nos obrigatoriamente a efetuar uma análise sobre como o envolvimento entre pessoas do mesmo sexo, foi entendido ao longo do tempo, em diferentes partes do mundo.

Para se entender melhor este tema, assim como qualquer outro tema, faz sentido compreender o seu percurso. Desta forma, importa salientar que os registos teóricos fazem acreditar que a homossexualidade sempre foi uma constante desde que o mundo assim o é (Venâncio, 2010).

O comportamento homossexual não existe apenas entre os seres humanos: também pode ser observado em animais. No caso específico dos primatas machos, como os chimpanzés e os bonobos, só copulam quando as fêmeas estão no cio, no entanto a energia sexual está sempre presente, o que os leva a dirigir essa energia para outras atividades sexuais, sendo que os jovens machos apresentavam a ocorrência de atividades homossexuais, heterossexuais, exibicionistas e de masturbação. Os relacionamentos sexuais entre primatas do mesmo sexo são frequentes: quando o macho dominante se apodera de todas as fêmeas, os machos mais jovens procuram e conseguem proteção do adulto superior através da aquisição de uma postura dita feminina (Spencer, 1999).

Ao longo da história existem referências que nos levam à indução de que grande parte do mundo civilizado não apresentava medidas repressivas em relação à homossexualidade, pelo contrário, muitas sociedades celebravam-na de forma positiva (Spencer, 1999; Naphy, 2004). Sabe-se, no entanto, que a certa altura da história da humanidade, a homossexualidade começou a ser vista como algo de errado, de anormal, tornando-se motivo de discriminação. Surge assim a homofobia, termo que simboliza todo o sentimento negativo sentido pela comunidade não homossexual face aos homossexuais (Venâncio, 2010). Assim, a homossexualidade é considerada como um comportamento normal e aceitável em algumas culturas e como um crime e/ou patologia em outras. Nos tempos mais recentes a homossexualidade na nossa cultura judaico-cristã é tida como um estilo de vida (Ardila, 2007), no entanto nem sempre assim foi: o início da homofobia poderá ter como base alguns valores da religião, da interpretação das obras cristãs como a Bíblia. A homofobia judaico-cristã sentida no

Ocidente é uma atitude que se desenvolveu sobretudo nos últimos 500 anos, acabando por se alastrar por todo o mundo como resultado do domínio europeu do séc. XIX e do domínio cultural e económico dos Estados Unidos da América, nos últimos 100 anos (Naphy, 2004). Os homossexuais passam a ser vistos como pecadores e por isso devem ser excluídos da sociedade.

Foucault (1998) e Weeks (1999) discutem o modo como a homossexualidade tem sido encarada, referindo que a mesma foi e tem sido alvo de admiração ou condenação, de acordo com as normas sexuais vigentes nas diferentes culturas e épocas.

Apesar de a história nos mostrar que desde sempre existiram relacionamentos homossexuais e por isso, pessoas com orientação sexual homossexual; apenas em 1869 passou a existir o termo homossexual, criado pelo médico húngaro Karól Benkert, para designar aqueles(as) que sentem atração por outro(a) indivíduo(a) do mesmo sexo (Weeks, 1999). Assim, a homossexualidade encontra-se relacionada com a orientação sexual, cuja condição é a preferência erótica por alguém do mesmo sexo. Contudo, é importante não confundir a homossexualidade com situações onde ocorrem distúrbios da identidade sexual – como a transexualidade e anomalias no desenvolvimento da genitália externa (Costa, Lopes, Souza & Patel, 2001).

O gosto pelo vestuário, adereços e penteados do sexo oposto, não caracteriza a homossexualidade (Costa, Lopes, Souza & Patel, 2001).

Na década de 90 começou a surgir, em alguns países da Europa, legislação protetora dos homossexuais. No entanto, a homossexualidade não é igualmente aceite em todos os contextos e mesmo nos países em que é legalmente aceite, ainda existem relatos de violência, preconceito e estigma em relação a este grupo sexual (Weeks, 1999; Saiete, 2011). Nos primórdios do séc. XX a homossexualidade é incluída no ramo das doenças mentais e são criadas clínicas para tratar os doentes homossexuais (Herek, 2004). Muitos homossexuais masculinos, identificados por um triângulo cor-de-rosa, foram mortos nos campos de concentração nazis (Rede *ex aequo*, 2006).

Depois de um início de história onde a homossexualidade fazia parte do dia-a-dia, esta passa para o extremo oposto, posição esta que se tem vindo a tentar alterar ao longo dos últimos anos.

## **1.2. Desenvolvimento da Orientação sexual**

A orientação sexual diz respeito a um estado emocional permanente que se caracteriza pela atração emocional, romântica e/ou sexual por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo e/ou de ambos os sexos. A orientação sexual refere-se a uma pessoa que, com base nessas atrações, se identifica e participa em comunidade com pessoas que partilham os mesmos gostos (APA, 2008). Este conjunto de comportamentos tem sido descrito por várias culturas e nações espalhadas por todo o mundo sendo que muitas destas utilizam rótulos de identificação para descrever pessoas que expressam atração por pessoas do mesmo sexo.

Segundo a APA (2008) a orientação sexual é uma componente da identidade pessoal que é composta por outros componentes como a cultura, a etnia, o género e os traços de personalidade. É geralmente analisada através de três categorias: heterossexual – atração emocional romântica e/ou sexual por indivíduos do sexo oposto -, homossexual - atração emocional romântica e/ou sexual por indivíduos do mesmo sexo-, e bissexual - atração emocional romântica e/ou sexual por indivíduos de ambos os sexos (APA, 2008).

A orientação sexual é uma característica contínua da vida da pessoa ou, por outras palavras, a pessoa não escolhe ser exclusivamente homossexual ou heterossexual, no entanto pode sentir distintos graus de atração por ambos os sexos. A orientação sexual torna-se, por isso, distinta de outros componentes como o género – que diz respeito às pessoas e às relações entre os seres humanos, o sexo biológico – que diz respeito às características anatómicas, fisiológicas e genéticas associadas ao macho ou fêmea -, a identidade – que diz respeito ao facto de a pessoa se identificar como o género masculino ou feminino – e o papel social de género – normas sociais que definem o comportamento feminino e masculino. No entanto, a orientação sexual continua a ser encarada de acordo com os parâmetros acima referidos que embora tenham uma forte componente teórica são incompletos uma vez que a orientação sexual é definida através das relações estabelecidas com o outro. A pessoa expressa a sua preferência sexual através da interação com os outros como por exemplo dar as mãos ou beijar. Deste modo, a orientação sexual encontra-se intimamente relacionada com as relações íntimas e pessoais que dizem respeito às necessidades sentidas por sentimentos como o amor, o apego e a intimidade. Não obstante, além dos comportamentos sexuais, a orientação sexual implica também o afeto entre parceiros/as, objetivos e valores comuns e ainda algum suporte emocional. Portanto, a orientação sexual não se trata apenas de uma característica pessoal de

determinada pessoa, pelo contrário, é a orientação sexual que define um grupo de pessoas em que é provável encontrar a satisfação e realização, bem como relacionamentos amorosos – que são um elemento fulcral para a construção da identidade individual de diversas pessoas (APA, 2008).

De acordo com alguns estudos (Garnets & Kimmel, 1993; Herdt & Boxer, 1993; Kryzan, 2000) levados a cabo por profissionais dos ramos da psicologia, medicina, biologia e sociologia, a pessoa dá-se conta da sua orientação sexual entre o emergir da pré-adolescência e a entrada na adolescência. Os padrões emocionais, românticos e sexuais que levam o/a indivíduo/a a aperceber-se da sua orientação sexual, podem surgir sem que para isso tenha havido qualquer experiência sexual anterior, uma vez que a pessoa pode ter conhecimento da sua orientação sexual sem que seja sexualmente ativa. Neste contexto, torna-se importante referir que comportamento sexual não é sinónimo de orientação sexual, sendo que, um adolescente bem como alguns adultos podem identificar-se como hétero, homo ou bissexuais sem que para isso tenham tido qualquer tipo de experiência sexual. Por sua vez, existem também relatos de jovens, que experimentaram relações sexuais com indivíduos/as do mesmo sexo sem que para isso se intitulem como homossexuais (APA, 2008).

No que respeita à adolescência, se é verdade que a maior parte dos jovens enfrenta desafios de desenvolvimento como a aquisição de competências sociais, as escolhas de carreira e a integração de um grupo de pares também é uma realidade que adolescentes com orientação sexual homossexual passam por desafios como o aprender a lidar com o preconceito, com o comportamento discriminatório e violento e as mensagens reprovadoras das suas famílias, escolas e comunidades. Sobretudo estas últimas podem afetar negativamente a saúde mental e a educação deste tipo de jovens, que enquanto alunos são mais propensos a desistir da escolaridade, que os adolescentes com orientação heterossexual, devido ao medo e ao receio de serem mal tratados pelos colegas heterossexuais bem como à possibilidade de ter os seus bens pessoais danificados. Por estas razões a experiência dos adolescentes homossexuais passa inúmeras vezes pela experimentação do isolamento, o medo da estigmatização e a ausência de apoio por parte do grupo de pares ou familiares. Estes jovens têm poucas oportunidades para observar a modelagem positiva por parte dos adultos em parte devido à cultura geral que torna as pessoas homossexuais, em grande parte, invisíveis (APA, 2008a).

Homens e mulheres têm experiências diferentes no que respeita à sua orientação sexual, algumas pessoas dão-se conta que são lésbicas/homossexuais

após um longo período antes de estabelecerem qualquer relacionamento com outras pessoas. Por sua vez, algumas pessoas envolvem-se em atividades sexuais, com pessoas do mesmo sexo, antes de auto-assumirem a sua orientação sexual

Não existe um consenso entre os estudiosos sobre as causas exatas que levam uma pessoa a desenvolver a sua orientação sexual. Embora algumas pesquisas tenham examinado a possível influência genética, hormonal e influência do desenvolvimento, social e cultural na orientação sexual, não existiu qualquer resultado que permitisse aos investigadores concluir que a orientação sexual é determinada por um fator preciso. Assim estes, na sua maioria, partilham a opinião de que as pessoas, na sua generalidade, não possuem qualquer tipo de escolha relativamente à sua orientação (APA, 2008).

Os estudos (Cohler & Hammack, 2007) que envolvem a orientação sexual deparam-se geralmente com dois problemas distintos: Primeiro, a pesquisa dentro da orientação sexual continua intelectualmente fragmentada a nível das linhas disciplinares que a regem, devido às diferentes epistemologias que a regem bem como às metodologias e às diferentes meta-teorias existentes.

Hammack (2005) apresenta através da sua pesquisa um novo paradigma para o estudo da orientação sexual humana que sintetiza diversas perspetivas intelectuais em campos como a biologia, a psicologia, a antropologia, os estudos da sociologia, da história e do género. Este paradigma tem como objetivo fornecer uma nova articulação da génese da orientação sexual humana dentro dos indivíduos, tendo em consideração as forças biológicas, históricas e culturais que criam a ecologia social no qual ocorre o desenvolvimento humano. No entanto, este paradigma rejeita a noção de orientação sexual como algo inato da espécie humana, ou seja, rejeita a orientação sexual como algo inerente à vontade da pessoa.

Em suma, a homossexualidade encontra-se inevitavelmente relacionada com a orientação sexual. A pessoa não optou por esta orientação tratando-se, por isso, de algo intrínseco que faz parte da personalidade e que cresce e se desenvolve com a pessoa. A orientação sexual pode ou não ser assumida e expressada abertamente, sendo mais os casos em que esta última situação não sucede isto porque, tendencialmente a pessoa luta contra o seu desejo sentido algum receio por ele e pela frustração que poderá causar aos progenitores, bem como da pressão que irá sofrer por parte da sociedade (Maciel dos Santos & Ferreira, 2001).

### **1.3. Modelos Explicativos da Homossexualidade**

É do conhecimento geral a existência de inúmeras teorias e pesquisas que pretendem encontrar causas, biológicas, psicológicas, sociais e espirituais que expliquem a existência da homossexualidade deixando assim transparecer a crença na existência de uma anomalia em pessoas homossexuais. Deste modo, a maioria dessas teorias e pesquisas abordam a possibilidade de pessoas homossexuais possuírem algo a menos ou a mais que pessoas heterossexuais: um gene, uma parte do cérebro, hormonas, um instinto congénito ou adquirido, etc. Tratando-se, por isso, de pessoas que sofreram algum tipo de desvio ou suspensão no denominado desenvolvimento sexual normal, crenças estas ainda muito difundidas entre psicólogos e psicanalistas – acabando por se gerar uma confusão entre todas as correntes (Junqueira, 2009).

Existe um longo historial de colonização do preconceito, praticado sobre o imaginário de diversas sociedades que representam a homossexualidade como uma excepção, como um desvio ou uma inversão no quadro da denominada normalidade heterossexual. Tais factos levaram a que se procurasse obter uma causa específica para a homossexualidade, não sendo relevante o facto de esta ter sido pensada ao longo do tempo como um vício, um pecado, um crime, uma doença ou até como um desvio no desenvolvimento sexual (Junqueira, 2009).

Foi apenas a partir do século XIX que a orientação sexual homossexual deixou de ser tratada como contrária à natureza, no entanto permanece, até hoje, a visão de que se trata de uma tendência sexual sobre a qual deverão incidir alguns fatores. Desta forma a questão da homossexualidade tornou-se assunto de especialistas de diversas áreas tais como a psicologia, a biologia, a neurociência, a sociologia, a religião etc. As diversas teorias variam entre ideias propostas por religiões como o espiritismo e teses sustentadas por correntes psicológicas, passando pela opinião dos biólogos, no entanto, a conclusão é sempre a mesma: a homossexualidade é um acontecimento da vida, tal como qualquer outro (Junqueira, 2009).

#### ✓ Teorias biológicas

Na área das teorias biológicas predominam estudos de carácter genético e explicações baseadas nos níveis de hormonas sexuais ao longo do desenvolvimento, no entanto, é pouco conclusivo afirmar que existem causas biológicas para a homossexualidade (Frazão & Rosário, 2008).

De acordo com algumas investigações (Pillard & Weinrich, 1986; Bailey & Benishay, 1993) existe uma maior prevalência de familiares homossexuais nas famílias de gays e lésbicas, do que em famílias heterossexuais.

A teoria genética que defende a existência de fatores genéticos, hormonais e neuroanatômicos que diferem entre homossexuais e heterossexuais, tanto para o sexo masculino como para o feminino (Ardila, 2007).

No caso específico de gêmeos monozigóticos, se um gêmeo tiver uma orientação sexual homossexual, a probabilidade de que o outro seja também homossexual é de 50%. No entanto, a mesma situação em gêmeos dizigóticos e para irmãos/irmãs - podendo tratar-se também de irmãos/irmãs adotivos(as) - tem uma prevalência muito mais baixa (Bayley & Pillard, 1991, cit. por Yarhouse, 1998; Byne & Bruxe cit. por Pérez-Sancho, 2005; Ardila, 2007).

No entanto, por diversas vezes, os estudos supracitados são fortemente criticados quer no seu desenho metodológico – muitas vezes estes estudos captam apenas voluntários da comunidade homossexual, o que não é representativo da população em geral - quer nas conclusões obtidas, uma vez que a concordância da homossexualidade é mais parcial do que global (Pérez-Sancho, 2005).

Denise, começar por dizer: Estudos efetuados ao nível do hipotálamo – o hipotálamo controla as funções como comer, beber e também a libertação de hormonas envolvidas na regulação sexual - revelaram que as diferenças neuroanatômicas são bastante interessantes: o núcleo supraquiasmático do hipotálamo – que representa o local do principal marcapasso circadiano em mamíferos. Múltiplas células que se encontram presentes neste relógio circadiano podem, quando sincronizadas, coordenar e regular diferentes ritmos - é maior e mais largo em pessoas homossexuais do que em pessoas heterossexuais, por sua vez, o núcleo intersticial do hipotálamo lateral é maior em heterossexuais do que em homossexuais. O mesmo sucede com a comissura anterior – tubo de fibras que efetua a ligação entre os lóbulos temporais dos dois hemisférios cerebrais – que é mais pequena em pessoas heterossexuais do que em pessoas homossexuais (Ardila, 2007).

#### ✓ Teorias Psicológicas

As primeiras explicações psicológicas sobre a homossexualidade foram desenvolvidas por Freud que ao longo dos anos foi desenvolvendo algumas formulações que continuam a reforçar a ideia de que a causa da homossexualidade está inculcada no desenvolvimento infantil.

Na obra clássica *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905; 2001, p. 38) ensaia a seguinte hipótese: *“Em todos os casos observados podemos verificar que os que mais tarde hão-de ser invertidos passam durante os primeiros anos de infância por uma fase de curta duração em que o impulso sexual se fixa na mulher de um modo intenso (a maior parte das vezes a mãe) e que depois de passar este estágio, identificam-se com a mulher e tornam-se o seu próprio objecto sexual, quer dizer que, partindo do narcisismo, procuram adolescentes que se lhes assemelhem e querem amar como a sua mãe os amou a eles próprios”*. Subjacente a esta ideia encontra-se a formulação de que os homossexuais masculinos apresentam questões não resolvidas ao nível do complexo de Édipo, questão que aliás será retomada no ensaio de 1922 *“Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade”* (Freud, 1922/1969).

Mais tarde, Freud (1920/1969) publica um artigo sobre a homossexualidade feminina, onde desenvolve a ideia de que a homossexualidade estaria ligada a uma fixação infantil à mãe e uma fortíssima decepção em relação ao pai, aliando-se a isto um complexo de virilidade.

Ao longo dos anos, este autor defendeu as suas formulações que, de alguma maneira, continuam a reforçar a ideia de que a causa da homossexualidade está radicada no desenvolvimento infantil. Defendeu ainda a ideia de que não se deveria perseguir e criminalizar estas pessoas, devido à sua orientação sexual, uma vez que a homossexualidade não era algo de que tanto os homossexuais como as suas famílias se devessem envergonhar. O Freud (1920/1969) defendeu ainda que a homossexualidade não deveria ser classificada como uma patologia, como é bem patente numa resposta que Freud (1935, cit. por Goldfried & Goldfried, 2001, p. 681) dá à carta de uma mãe que tem um filho homossexual:

*“A homossexualidade não é seguramente uma vantagem, mas não é algo de que se deva envergonhar, um vício ou uma degradação. Não pode ser classificada como uma doença... É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime e também uma grande crueldade”*.

Os neo-freudianos continuam a defender a visão de que a homossexualidade está ligada à fixação numa fase precoce do desenvolvimento psicosssexual, caracterizada pela atração pelo mesmo sexo e pelo narcisismo. Desta forma, encaram as pessoas com orientação sexual homossexual como sendo imaturas, impulsivas e incapazes de estabelecer relações amorosas genuinamente adultas (Perrin et al., 2004).

Outros autores (Socarides, 1968, cit. por Perrin et al., 2004) defenderam ainda que a homossexualidade se explicaria pela presença de um ambiente familiar em que existiria uma mãe dominadora e um pai submisso.

Surgiram também teorias que defendiam que a homossexualidade estaria associada a uma parentalidade inadequada, em que o conflito parental, o divórcio, uma parentalidade pobre, ou a existência de modelos de papel sexual impróprios poderiam gerar fixações psicosexuais. Estas seriam expressas através das atracções em relação ao mesmo sexo (Ellis, 1996, cit. por Perrin et al., 2004). Num âmbito já bastante distante das conceptualizações do espectro psicanalítico, surgiram outras explicações, tais como a teoria da frustração sexual, sendo que esta postula que a homossexualidade masculina resultaria de um contexto onde existiria falta de mulheres, ou seria uma consequência de experiências negativas com mulheres (Perrin et al., 2004).

Dentro das teorias psicológicas, a teoria Psicanalítica defende a suposta existência de uma estrutura familiar geradora de filhos e/ou filhas homossexuais. Nesta estrutura o pai é uma pessoa passiva, hostil e indiferente e a mãe possessiva, sedutora e competitiva (Ardila, 2007). Apesar das críticas efetuadas a esta teoria, dentro do próprio meio psicanalítico, as suas formulações permanecem intactas dentro de alguns sectores da psicanálise (Árán & Corrêa, 2004; Milheiro, 2001).

Ao longo dos tempos foram ainda surgindo algumas teorias defensoras de que a homossexualidade estaria relacionada com da existência de uma parentalidade inadequada, em que o conflito parental, o divórcio, uma parentalidade pobre ou a existência de modelos de papel sexual impróprios poderiam gerar fixações psicosexuais que viriam a ser expressas pela atração por pessoas do mesmo sexo (Frazão & Rosário, 2008).

Já distanciada da teoria psicanalítica, surgiu a teoria da frustração sexual, defensora de que a homossexualidade masculina resultaria de um contexto onde existiriam poucas mulheres ou seria uma consequência de experiências negativas com o sexo oposto (Perrin et al., 2004).

As teorias comportamentais defendem que a homossexualidade tem origem no facto de as pessoas estabelecerem contactos sexuais com pessoas do mesmo sexo antes de o fazerem com pessoas do sexo oposto. Assim, se estas experiências forem gratificantes e proporcionarem prazer sexual, irão constituir um reforço do comportamento e, desta forma, tendem a ser repetidas (Pérez-Sancho, 2005).

Por sua vez, a teoria da auto-rotulagem defende que uma pessoa ao comportar-se de modo atípico para o seu género e, conseqüentemente, ao ser chamado de homossexual pelos outros, passa a auto-identificar-se como homossexual. De um modo um pouco diferente, a teoria do treino inapropriado do papel sexual defende que os homens que não conseguem cumprir o seu papel de macho poderão, num acto de fuga a esta pressão, adotar papeis sexuais femininos (Perrin et al., 2004).

As teorias psicológicas sobre a homossexualidade encontram-se repletas de problemas epistemológicos, no sentido em que se centram em modelos de causalidade única dificilmente sustentáveis nos dias de hoje, mas também carecem de fundamentação empírica. Desta forma e à semelhança do que acontece com as teorias biológicas, não é possível afirmar que existe uma teoria psicológica explicativa da orientação sexual homossexual (Frazão & Rosário, 2008).

De acordo com alguns investigadores que se têm debruçado sobre a temática da homossexualidade, não é essencial procurar a causa ou as causas da homossexualidade, sendo muito mais essencial e interessante enquadrar esta orientação sexual na variedade e na diversidade da sexualidade humana. No entanto, estes autores ainda se encontram em minoria, tendo em conta que no passado recente a existência de formulações teóricas frequentemente discriminatórias e patologizantes era muito marcada, havendo por isso uma necessidade de mudança (Frazão & Rosário, 2008).

#### **1.4. O Processo de *Coming out***

O processo de aceitação da própria orientação sexual é bastante complicado, sendo igualmente custoso, para um(a) adolescente assumir-se como homossexual, muito por conta da rejeição e discriminação aliadas à sociedade e à família (Remafeldi, 1987; Taquette, Vilhena, Santos & Barros, 2004). Assim, muitas pessoas com orientação sexual homossexual optam por não se assumir, acabando muitas vezes por optar pelo isolamento de forma a não se tornarem vítimas da violência homofóbica (Mott, 1996).

O termo *coming out* refere-se ao processo de auto-reconhecimento por parte de uma pessoa homossexual, bem como ao facto de esta revelar a sua orientação aos outros. Trata-se de um processo que varia de pessoa para pessoa, no entanto, no que respeita a adolescentes homossexuais estes tendem a revelar a sua orientação de

acordo com a seguinte ordem: inicialmente a outras pessoas que conhecem com a mesma orientação sexual, posteriormente ao seu grupo de pares e familiares próximos e finalmente aos pais (Cianciotto & Cahill, 2003; LaSala, 2000;).

O processo de *coming out* é necessário para que o(a) indivíduo(a) mantenha o desenvolvimento saudável da sua identidade.

Através do processo de *coming out* torna-se possível a diminuição do stress que se encontra aliado à pressão de manter o segredo e viver uma vida dupla. Ele reduz o isolamento e a alienação permitindo a receção de apoio por parte de pessoas homossexuais, podendo assim dizer-se que a conclusão deste processo permite à pessoa homossexual viver uma vida mais plena (Spring, 2001).

Nem sempre este processo é possível devido ao medo da rejeição, da perda dos relacionamentos anteriores – em especial das relações familiares. A discriminação e o preconceito também são referidos como condicionantes para o processo de *coming out* (Spring, 2001).

Taquette, Vilhena, Santos & Barros (2004), no seu estudo intitulado *Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos*, com uma amostra de 105 rapazes, encontraram 13 que já tinham tido relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, no entanto, apenas 2 desses 13 rapazes se assumiram como homossexuais. Ambos atribuíram à sua orientação sexual as dificuldades sentidas no momento, no entanto, apenas 1 deles referiu ter fugido de casa e ter-se tentado suicidar devido à pressão exercida pela sua família, para que ele se tornasse heterossexual.

No caso específico das mulheres, de acordo com Mott (1987 cit. por Palma & Levandowski, 2008), são poucas as que atingem a maturidade da auto-aceitação e revelam a sua Orientação sexual aos familiares e amigos (Mott, 1987). Para alguns autores (Fairchild & Hayward, 1996; Marvin & Miller, 2002) a revelação da Orientação sexual homossexual, à família, é o último passo dentro do processo de auto-aceitação.

Pacheny (2004) refere que a maioria das pessoas homossexuais não efetua o processo de *coming out*, ou seja, mantêm identidades secretas e/ou identidades duplas. De acordo com o mesmo autor, a consciência dos(as) homossexuais, em relação ao preconceito e à expectativa criada sobre a orientação sexual a adotar, levam a que estas pessoas levem uma vida dupla: agem como heterossexuais em espaços públicos e como homossexuais em espaços privados.

Cass (1979 cit por Alessi, Ahn, Culkin & Ballard, 2011) é, de todos os autores que se debruçam sobre a temática do processo de *coming out*, a mais conhecida, sendo o seu modelo o mais utilizado. Este modelo foi um dos primeiros a tratar as

peças homossexuais como normais, numa sociedade essencialmente heterossexista e homofóbica, que trata os homossexuais como um problema. Neste modelo estão incluídos o nível cognitivo, o nível afetivo e componentes comportamentais. Assim, a autora anteriormente mencionada, através de uma perspectiva psicossocial descreveu aquelas que define como sendo as seis fases do processo de *coming out*:

1. Confusão de Identidade: Nesta etapa o(a) sujeito(a) encontra-se confuso(a), com algumas dúvidas e nutre sentimentos de perplexidade sobre as suas próprias ações, sentimentos ou pensamentos. Surgem questões como: Porquê eu?; Será que sou diferente?
2. Comparação de Identidade: A possibilidade de ser homossexual provoca na pessoa sentimentos de alienação relativamente a pessoas heterossexuais. Nesta etapa surgem questões como: Será que sou gay/lésbica?; Estou sozinho(a)? e De que é que pessoas homossexuais gostam?
3. Tolerância de Identidade: Esta etapa é caracterizada pelo encontro com algo ou alguém que irá romper o ciclo de negação. As questões/pensamentos mais frequentes nesta situação são: Aceito a possibilidade de ser gay/lésbica; Onde poderei encontrar outros(as) homossexuais?
4. Aceitação da Identidade: Nesta situação o(a) indivíduo(a) pesquisa diversa informação, efetua leituras e explora atividades organizadas por comunidades LGBT e acaba por aceitar a sua identidade/orientação sexual. Surgem questões/pensamentos como: Eu sou homossexual; Eu estou bem?; Eu posso realizar o processo de *coming out* perante algumas pessoas?.
5. Orgulho da Identidade: Nesta fase o(a) indivíduo(a) ganha apreço pela sua identidade/orientação sexual chegando a sentir-se, por vezes, enraivecido(a) relativamente à orientação sexual heterossexual podendo chegar a afastar-se dos valores e atividades tradicionais. O pensamento predominante nesta etapa é: sou diferente e orgulho-me disso!
6. Síntese da Identidade: Nesta última etapa existe a auto-aceitação e a integração da nova identidade, efectuada por parte do(a) indivíduo(a), sendo nela que é tomada a decisão de partilhar com os mais próximos a orientação sexual homossexual. Após o término das etapas anteriores, aqui o(a) indivíduo(a) sentir-se-á em paz consigo mesmo(a).

Em 1984, Cass (cit. por Alessi, Ahn, Culkin & Ballard, 2011) procurou validar empiricamente o seu modelo, anteriormente descrito. Assim, participaram no estudo

103 homens e 60 mulheres que se assumiram como homossexuais e admitiram estar numa das seis fases do modelo. Assim, através de um questionário onde estavam descritas as diferentes etapas, foi pedido aos participantes que identificassem aquele com o qual mais se identificava no momento. Através do seu questionário de identidade homossexual procurou ainda obter uma imagem mais precisa das dimensões cognitivas, comportamentais e afetivas das diferentes etapas do modelo. Os resultados obtidos trouxeram suporte para as seis etapas, no entanto existiu alguma indistinção entre as etapas 1 e 2 e as etapas 5 e 6, podendo assim concluir-se que a construção da identidade homossexual pode ocorrer em 4 etapas, em vez de 6.

Existem outros modelos, no entanto, todos seguem o padrão descrito por Cass. A etapa inicial tem como ponto de partida a existência de alguma consciência acerca da diferença (o eu não heterossexual) envolta na atração por pessoas do mesmo género. Esta etapa é seguida por tentativa de explorar temática sobre a homossexual, explorando esta forma de ser e estar através das diferentes comunidades que existem bem como as suas culturas. Numa fase mais avançada passa a existir uma concordância interna entre a identidade e a orientação do(a) indivíduo(a), passando a existir sentimentos racionais e paz de espírito, dando-se a auto-aceitação e auto-apreciação. Finalmente o(a) indivíduo(a) passa a tomar consciência de si como igual às restantes pessoas.

Brady & Busse (1994) procuraram verificar empiricamente o modelo de Cass e adaptá-lo aos homens homossexuais. Para que isso pudesse acontecer, construíram e testaram um instrumento de avaliação, o Questionário de Identidade Gay (GIQ), para identificar as diferentes etapas de formação da orientação homossexual. Na sequência de dois estudos piloto, os investigadores administraram o GIQ a 225 homens que se assumiram como homossexuais e admitiram ter fantasias sexuais com outros homens e se encontravam inseridos no comportamento homossexual. Foi assim possível concluir, através deste estudo que o GIQ é uma medida válida e confiável que permite identificar as etapas da formação da orientação homossexual em homens, no entanto, os resultados obtidos sugerem que a formação desta orientação pode efetuar-se em apenas duas etapas, em vez das seis propostas por Cass (1979).

O modelo de Cass (1979) foi também testado por Degges-White, Rice & Myers (2000) que propuseram que o modelo de Cass (1979) poderia encontrar-se ultrapassado, tendo em conta as alterações nas percepções sociais da homossexualidade nos últimos 20 anos, desde que o modelo foi introduzido. Os mesmos autores questionaram ainda a natureza linear do desenvolvimento da

orientação homossexual, argumentando que a progressão através das etapas descritas pode não seguir o caminho previsível, sugerido por Cass (1979). Através de uma pequena amostra, constituída por 12 indivíduos, os investigadores, através de uma entrevista estruturada questionaram os participantes com base nas diferentes etapas do modelo de Cass (1979). Os resultados do estudo sugerem um suporte limitado para o modelo de Cass (1979), sendo que desta forma os investigadores acreditam na necessidade de expandir o modelo, tendo em conta que o próprio processo de formação da orientação sexual parece menos linear do que o definido por Cass (1979). No entanto, este estudo teve algumas limitações tais como o tamanho reduzido da amostra e a selecção não aleatória dos participantes, por sua vez, este estudo deu-nos a confirmação de que as lésbicas podem experimentar as etapas de desenvolvimento descritas no modelo de Cass (1979).

A propósito da auto-aceitação e do processo de *Coming out*, Saltzburg (2004) evidenciou que um número crescente de jovens tem vindo a revelar a sua orientação sexual, no seio familiar, numa fase mais precoce que as gerações anteriores.

O mesmo autor ressaltou ainda, no mesmo estudo, a grande escassez de investigações que visem compreender o ponto de vista dos progenitores, sobre a orientação sexual homossexual dos seus filhos e/ou filhas.

LaSala (2000) efectuou um estudo onde procurou avaliar o impacto da existência de um relacionamento amoroso homossexual, em famílias de 20 casais homossexuais. Os dados foram recolhidos a partir de uma entrevista aberta. Neste estudo, praticamente todos os entrevistados experimentaram continuamente a falta de aprovação, por parte dos progenitores, quer perante o estilo de vida escolhido, quer perante os seus relacionamentos, após o processo de *Coming out*. No entanto, a maior parte dos homens entrevistados para este estudo revelou ter obtido benefícios significativos após o processo de *Coming out*, como por exemplo o facto de não haver necessidade de ocultar o parceiro amoroso e ainda a possibilidade de o incluir em eventos familiares.

O estudo de LaSala (2000) vem dizer-nos que a revelação da Orientação sexual aos pais pode evidenciar-se como uma tarefa importante de desenvolvimento, tornando-se fundamental para os relacionamentos amorosos destes homens.

## Capítulo II – A pessoa homossexual na família

### 2.1. Conceito e definição sistémica da família

O termo família possui inúmeros significados, de acordo com a área científica que o estuda (Borges, 2009).

Do ponto de vista sistémico a família é “uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...) a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura (Gameiro, 1992, cit. por Relvas, 2006, p.11).

A perspectiva sistémica da família representa um instrumento conceptual que permite compreender a especificidade da família enquanto grupo e a complexidade relacional que a caracteriza, através de uma lógica circular que evita que se descreva e se leia a família com base numa sucessão estéril e infinda de causas e efeitos (Beja, 2009).

Para Minuchin (1979; 1981), a família é uma rede invisível de necessidades funcionais que organiza o modo como os elementos da família interagem. Desta forma, pode considerar-se a família como um sistema relacional primário hierarquicamente organizado, através do qual a alteração de um dos seus subsistemas atinge o sistema familiar na sua totalidade. Assim, no seio familiar, os indivíduos podem constituir subsistemas que podem ser formados pela geração, sexo, interesse e/ou função, existindo diferentes níveis de poder, no quais os comportamento de um membro afectam e influenciam os outros (Borges, 2009).

Relvas (2000) definiu a família como um sistema auto-organizado, social e aberto. Assim, é-nos possível afirmar que a família se caracteriza essencialmente pelas pessoas que a constituem, bem como pela rede complexa de relações que se estabelecem entre elas.

Alguns autores (Minuchin & Fishman, 1981; Alarcão, 2006; Relvas, 2006) defendem que o desenvolvimento e funcionamento da família são sobretudo orientados por alguns objetivos traduzidos em funções primordiais da família. De entre essas funções encontra-se a função interna que corresponde ao desenvolvimento e proteção dos seus membros, e a função externa que consiste na socialização dos membros da família, adequação e transmissão de determinada cultura. Assim, e tendo

em conta as funções anteriormente descritas, cabe à família desempenhar duas tarefas fundamentais, por um lado a de suporte ao processo de autonomização dos seus elementos, por outro, a criação de um sentimento de pertença (Beja, 2009).

A resolução destas tarefas será efectuada por cada família de acordo com a sua própria organização e a sua capacidade auto organizativa, para além de toda e qualquer influência exterior (Beja, 2009).

Tratando-se de um sistema informalmente aberto e organizacionalmente fechado, a família altera a sua estrutura ao longo do tempo mantendo a sua organização, o que lhe confere a coerência enquanto sistema distinto dos outros (Beja, 2009).

A família organiza-se numa hierarquia sistémica composta por diversos subsistemas que constituem uma hierarquia mais vasta da qual constitui um subsistema.

Para além dos subsistemas individuais, constituídos por cada um dos elementos que integram a família, é-nos possível distinguir outros que se diferenciam por possuírem uma estrutura relacional própria e funções específicas dentro do sistema familiar. Alguns elementos da família pertencem em simultâneo a diferentes subgrupos, como por exemplo no caso do subsistema parental, do subsistema conjugal, do subsistema fraternal e do subsistema filial. Por sua vez a família faz também parte de outras totalidades mais vastas tais como a comunidade e a sociedade (Beja, 2009).

A diferenciação entre os diversos subsistemas tanto a nível do interior do próprio sistema como em relação ao meio em que se insere, é efectuada através das regras ou normas que definem quem participa em determinado subsistema e o modo como o faz, tal como referido anteriormente (Minuchin, 1982; Beja, 2009).

Embora a família seja definida habitualmente como um sistema aberto ela é, na realidade, relativamente aberta e fechada sendo na ultrapassagem destas condições antitéticas quanto aos limites, abertura e fecho, que se situa a funcionalidade da família e conseqüentemente a saúde mental dos seus membros (Fontaine, 1989).

De entre os diversos modelos de funcionamento familiar, o modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson é um dos mais estudados e utilizados em variadas investigações, tratando-se de um modelo particularmente útil para o diagnóstico relacional, uma vez que se foca no sistema e integra três dimensões que são constantemente consideradas como relevantes nos modelos

familiares e nas abordagens de terapia familiar (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003; Machado, 2008).

As três dimensões que constituem o modelo Circumplexo são a coesão, definida como a ligação emocional que se estabelece entre os membros de uma família; a adaptabilidade/flexibilidade que avalia a capacidade do sistema familiar alterar a sua estrutura de poder, as regras e o papel das relações em resposta a determinada situação de *stress* situacional e de desenvolvimento; e a comunicação que tem o objectivo de facilitar o movimento das outras duas dimensões. As dimensões coesão e adaptabilidade são constituídas por múltiplos níveis e para cada uma delas colocou-se a hipótese de que os níveis moderados seriam os mais adequados para o funcionamento equilibrado de uma família, enquanto os níveis mais extremos seriam considerados mais problemáticos (Olson, 2000).

Deste modo e de acordo com o modelo, a dimensão da coesão apresenta os seguintes níveis: desmembrada (coesão extremamente baixa); separado (coesão baixa/moderada); ligado (coesão moderada/alta) e emaranhado (coesão extremamente alta) (Olson, 2000). Uma família é considerada funcional caso suporte os períodos de tensão, de forma a preservar a identidade do sistema e a respeitar as diferenças individuais dos membros (Tribuna, 2000).

Desta forma, nos níveis tidos como equilibrados (separado e ligado) existe uma maior funcionalidade familiar entre os membros, sendo os indivíduos capazes de oscilar entre os outros níveis, em situações de crise familiar (e.g. transições no ciclo vital). Contudo, o mesmo não acontece nos níveis mais extremos (desmembrado e emaranhado), considerados como desequilibrados.

Nos níveis equilibrados, uma família com uma relação separada denota alguma separação emocional (mas não extrema), sendo o tempo passado sem a família considerado importante, ao contrário de uma relação ligada, em que se atribui mais importância ao tempo passado em família, pelo facto de haver uma maior proximidade emocional e lealdade entre os membros. Nos níveis extremos, uma relação desligada é caracterizada por uma separação emocional e pouco envolvimento entre os membros da família. Por seu lado, uma família emaranhada caracteriza-se por uma extrema ligação emocional e uma grande dependência entre os membros havendo pouca diferenciação do *self* (Olson, 2000).

Relativamente à dimensão adaptabilidade é também possível encontrar quatro níveis: rígido (adaptabilidade extremamente baixa); estruturado (adaptabilidade baixa/moderada); flexível (moderada/alta) e caótico (adaptabilidade extremamente

alta) (Olson, 2000). Nos níveis mais funcionais (estruturado e flexível) há um equilíbrio entre a estabilidade e a mudança e, há uma tendência para a família ser mais equilibrada ao longo do tempo (Machado, 2008).

Uma família estruturada, por norma, exprime uma liderança democrática que inclui as crianças, com ajustamentos nos papéis e nas regras familiares sempre que necessário. Uma família funcional tem a capacidade de suportar os períodos de tensão de forma a resguardar a identidade do sistema e a respeitar as diferenças individuais de cada um dos seus membros (Tribuna, 2000). Por sua vez, uma família flexível descreve-se como tendo uma liderança igualitária, com uma abordagem democrática entre os membros, incluindo activamente as crianças. As regras e os papéis são partilhados e apropriados às idades (Olson, 2000).

No caso dos níveis mais extremos, as famílias podem ser consideradas rígidas ou caóticas (Machado, 2008). Nas famílias rígidas, um dos membros controla a dinâmica familiar, impondo uma rigidez de papéis e uma inflexibilidade nas regras. Em relação às famílias caóticas, os papéis não estão bem definidos e podem ocorrer frequentes trocas de papéis entre os indivíduos, havendo uma impulsividade marcada nas tomadas de decisões (Olson, 2000).

Os diversos níveis familiares de cada dimensão (coesão e adaptabilidade) vão originar dezasseis tipos familiares, que são agrupados em quatro grandes tipos: equilibrado, moderadamente equilibrado, meio-termo e extremo. Os tipos familiares foram encontrados após efetuar a correspondência, numa escala de 1 a 8, das dimensões coesão e adaptabilidade (Machado, 2008).

Ao analisarmos o modelo, é necessário ter em conta que há aspetos que podem afectar o funcionamento familiar, tais como eventos considerados stressantes pela família, transições nas etapas de desenvolvimento e tensões intra-familiares (Greeff, 2000). Estes aspetos caracterizam as várias etapas do ciclo vital da família, podendo conduzir a variações nos níveis da adaptabilidade e coesão, assim como a diferentes expressões numa mesma etapa (Machado, 2008).

Por outro lado e, relacionado com o que foi referido anteriormente, o modelo ao ser dinâmico permite equacionar mudanças na família, ao longo do ciclo vital. Deste modo, as famílias poderão modificar as dimensões coesão e/ou adaptabilidade, de forma a adaptarem-se a novas exigências ou crises, decorrentes das etapas do ciclo vital. As mudanças são encaradas como sendo uma melhoria do funcionamento familiar (Olson, 2000).

A estabilidade do sistema familiar é conseguida através de uma sucessão contínua de mudanças necessárias à evolução do sistema familiar, sendo a estabilidade e a mudança duas vertentes do mesmo processo (Beja, 2009).

## 2.2. A pessoa homossexual na família

A temática da família raramente surge associada às pessoas com Orientação sexual homossexual, isto porque a cultura popular raramente caracteriza estas pessoas como fazendo parte de uma família, ou como alguém que deseja viver ou vive inserido num núcleo familiar, mais que isso, determinados segmentos da sociedade consideram estas pessoas como sendo anti-família (Pachakis & Goldfries, 2004). Além do anteriormente referido sabe-se ainda que a comunidade científica, durante muito tempo, alimentou esta imagem, muitas vezes reafirmada pela invisibilidade do tema nas principais publicações científicas que se dedicam ao estudo da família ou da terapia familiar (Frazão, 2010).

No entanto, sempre existiram investigadores que, de forma mais ou menos pioneira, desde os anos oitenta se interessaram sobre a vida de pessoas com uma Orientação sexual homossexual e das suas famílias, nomeadamente sobre a relação destas pessoas com a família de origem, após o processo de *Coming out* (Frazão, 2010). Também na década de noventa foram desenvolvidos alguns estudos importantes neste âmbito. Scrivner & Eldrige (1995) inseriram um capítulo sobre Psicologia da Família de gays e lésbicas, no *Handbook of Family Psychology and Systems Theory*. Nele discutiram os aspetos comuns e as diferenças no ciclo vital da família de pessoas com Orientação sexual homossexual, com o intuito de abrir caminho para a aceitação destas novas formas de família.

Actualmente têm surgido alguns trabalhos a nível do ajustamento familiar após o processo de *Coming out* (Beeler & DiProva, 1999), da inclusão de gays e lésbicas nos rituais familiares (Oswald, 2002) e dos modelos de intervenção familiar após o *Coming out* (LaSala, 2000; Saltburg, 2007; Yarhouse, 1998). A nível nacional importa referir o trabalho de Alarcão (2006), que elaborou uma pequena reflexão sobre as famílias homossexuais num manual dedicado à terapia familiar. Também Sampaio (2003) aborda questões do processo de *Coming out* e a relação entre pais e filhos/as, no manual *Vagabundos de Nós*, bem como o trabalho de Frazão & Rosário (2008) que

no seu artigo elaboram uma revisão de literatura e a proposta de modelos de intervenção familiar em situações de *Coming out*.

Durante várias décadas, as pessoas com uma Orientação sexual homossexual foram definidas como pessoas afastadas das suas famílias, no entanto, hoje em dia, sabe-se que esta é uma visão claramente estereotipada, na medida em que a revelação à família de origem e a manutenção dos contactos com esta são de extrema importância (LaSala, 2000; Goldfried & Goldfried, 2001; Baptist, 2002; Pachankis & Goldfried, 2004; Frazão & Rosário, 2008).

Ryan (2004), no seu estudo sobre as famílias de gays, lésbicas e bissexuais alertou-nos para o facto de ainda se dar pouca atenção a estas famílias e à sua adaptação após o processo de *Coming out* dos(as) seus/suas filhos(as).

Actualmente são cada vez mais os adolescentes que revelam a sua orientação sexual aos pais, enquanto ainda residem com eles, ao contrário do que acontecia com as gerações anteriores, que apenas o faziam durante a idade adulta, quando já eram independentes e viviam sozinhos, o que nos leva a induzir que o processo de auto-aceitação actualmente ocorre numa idade mais precoce (Ryan, 2004).

Tendo em conta o referido anteriormente, tomar a decisão sobre quando e com quem se partilha a Orientação sexual, no interior da família, constitui uma questão complexa (Frazão & Rosário, 2008). Os motivos para a revelação da orientação sexual podem ser bastante diversos, no entanto, de acordo com Myers (1982) existem seis grandes categorias de motivos, cuja ordem de exposição não supõe qualquer importância hierárquica:

1. A importância dos Movimentos de Libertação Homossexual (gay) na sociedade actual promove mensagens de auto-aceitação, auto-estima e de disseminação da informação;
2. O Tormento Emocional provocado pela existência de uma vida dupla gera o afastamento e distância em relação às famílias nucleares;
3. O Processo de Formação de uma Orientação sexual Homossexual leva a uma aceitação de si mesmo como homossexual;
4. A existência de um Processo Psicoterapêutico pode tornar a relação consigo mesmo, como com os amigos e familiares mais honesta, facto que aliado à redução de sintomas pode levar a um aumento de confiança para revelar a sua homossexualidade;
5. O Desenvolvimento de uma Relação Amorosa vai acentuar a necessidade de resolver as questões de separação/individuação com a família nuclear e pode

colocar a questão prática de coabitar com um(a) parceiro(a) na mesma região onde os pais habitam;

6. A existência de Motivos Destrutivos, em que a revelação da Orientação sexual pode ser utilizada como um acto de rebeldia, de tentar culpar ou introduzir culpa, de confrontação, defensividade ou alienação.

Alguns estudos demonstram que a revelação de Orientação sexual Homossexual é primeiramente feita aos amigos e só posteriormente aos pais, sendo que na maioria dos casos a revelação é feita inicialmente à mãe e só posteriormente ao pai, isto porque os/as filhos/as esperam uma resposta mais positiva à revelação, por parte das progenitoras (Cohen & Savin-Williams, 1996 cit. por Patterson, 2000). Desta forma, a revelação da Orientação sexual, à família, segue o seguinte padrão: inicialmente é revelada aos amigos e irmãos, posteriormente às mães e, por fim, aos pais (LaSala, 2000; Cianciotto & Cahill, 2003; Savin-Williams & Ream, 2003; Frazão & Rosário, 2008).

A família nuclear, na maioria das vezes, parte da crença de que todos/as os/as filhos/as serão heterossexuais e vão crescer de acordo com estilos de vida e vivências desse tipo e, por isso, quando confrontados com a revelação da homossexualidade do/a filho/a, apresentam dificuldade para reformula-la (Sanders, 2004 cit in Palma & Levandowski, 2008).

A maior parte dos pais idealiza o futuro dos filhos/as como um possível prolongamento de si mesmos, desejando-lhes uma vida estável, tranquila e com felicidade em áreas como a profissional, a social e a amorosa. No entanto, o cenário altera-se quando um/a filho/a revela que é homossexual ocorrendo, na maioria dos casos a ausência de reação por parte dos pais. Assim, após o processo de *Coming out*, que normalmente não é fácil, é necessário que o/a filho/a evidencie que o facto de ter uma Orientação sexual homossexual não altera em nada a sua conduta, continuando a ser a mesma pessoa de antes (Oliveira, 2004).

Embora seja difícil prever a reação dos pais perante a revelação da Orientação sexual Homossexual, do/a filho/a na sua maioria ela é negativa, chegando a existir reacções de rejeição emocional, que variam entre os 20 e os 50%, violência verbal ou física e mesmo expulsão de casa, levando a família, na maior parte das vezes, a uma crise familiar (Cohen & Savin-Williams, 1996 cit. por Patterson, 2000; Cianciotto & Cahill, 2003; Frazão & Rosário, 2008). As reacções negativas perante a revelação da Orientação sexual Homossexual, do/a filho/a, tendem a ser mais notórias em casos em que os pais são mais velhos, têm pouca escolaridade e ainda em situações em

que a relação entre pai/mãe e filho/a já estava comprometida antes da revelação (Patterson, 2000).

De acordo com dados da Associação Rede Ex-Aequo (2004), os primeiros sentimentos demonstrados pelos pais são os de raiva, angústia e culpa, uma vez que estes começam por se culpar ao considerarem não ter sido capazes de dar uma boa educação ao/à filho/a, ou então optam por responsabilizar as companhias destes. São diversos os relatos de filhos/as que sofreram agressões físicas, por parte dos pais, quando estes descobriram a Orientação sexual dos/as filhos/as (Mott, 2003), tal facto poderá dar origem a um isolamento pessoal muitas vezes opressivo (Sanders, 2004 cit in Palma & Levandowsky, 2008). Mott (1987 cit. por Palma & Levandowski, 2008) salienta que são poucas as famílias que aceitam e convivem com os familiares de orientação sexual homossexual estando, nestes casos, presentes a intolerância e o inconformismo.

De acordo com Strommen (1989) no momento em que, na família, se fica a saber da homossexualidade de um dos seus membros, têm início dos processos distintos. Primeiramente os membros da família procuram compreender a Orientação sexual homossexual à luz dos seus valores e sistema de crenças, por exemplo, no que se refere à homossexualidade, questões de género e religião. Neste sentido, enquanto a família procura lidar com a crise pós-revelação, geralmente vivencia também um afastamento da pessoa homossexual isto porque as identificações deste/a indivíduo/a anteriormente existentes como filho/a são negadas pela sua nova identidade. Muitas vezes o/a filho/a homossexual passa a ser percebido/a como um/a estranho/a.

À medida que o trauma inicial vem sendo ultrapassado, os pais passam a tornar-se capazes de lidar com o assunto de modo mais racional. No entanto, até serem capazes de aceitar definitivamente a orientação sexual do/a filho/a, os pais podem recusar-se a falar sobre o assunto, apesar de aceitarem a homossexualidade do/a filho/a ou, pelo contrário, nas famílias em que a o processo de *Coming out* não é bem aceite, todo e qualquer acto praticado pelo/a filho/a é, para os pais, uma consequência da sua orientação. Ler sobre o tema e participar em reuniões de associações LGBT pode ser uma grande ajuda para que a aceitação plena se torne possível (Oliveira, 2004).

Importa salientar que o processo de aceitação de um/a filho/a homossexual pode ser demorado, sendo continuamente revisto e actualizado pela família através das festas de aniversário, casamentos e outros eventos familiares que poderão trazer à tona alguns dos conflitos anteriormente referidos. Cada alteração vivenciada pelo/a

filho/a homossexual leva a família a modificar-se e adaptar-se também, sendo um exemplo disto o facto de terem de lidar com a presença de companheiro/as amorosos, relacionamentos mais estáveis e o desejo de casar e ter filhos (Cancissu, 2007).

Alguns autores equiparam a reação das famílias à revelação da homossexualidade dos/as filhos/as ao célebre modelo de estádios de luto de Kubler-Ross (1969). De acordo com a autora anteriormente referida, a adaptação à morte faz parte de um processo de socialização. A sua teoria defende que a adaptação emocional da morte inclui cinco estádios:

1. Negação: onde a pessoa se recusa a acreditar no que lhe está a acontecer;
2. Revolta: situação em que o indivíduo doente se sente privado de uma longa vida e onde se revolta com o mundo em geral;
3. Negociação: o indivíduo doente efectua um acordo com o destino/sorte, pedindo-lhe que este lhe permita que viva o suficiente para ver um evento especial e significativo;
4. Depressão: à medida que as energias se vão esgotando pela doença, o indivíduo começa a adaptar-se à ideia da sua morte;
5. Aceitação: este estágio pode ser atingido se a fase anterior surgir, permitindo assim que o indivíduo encare a morte pacificamente.

De acordo com Kubler-Ross, a maior parte das pessoas que se encontram num processo de falecimento passam por estes estádios, no entanto, podem entrar e sair de cada um deles sem que exista uma ordem particular. A autora evidencia ainda que a persistência da esperança surge em todos os estádios, de várias formas (Kubler-Ross, 1995; 1997; 1999).

Strommen (1989 cit. por Goldfried & Goldfried, 2001) evidenciou que, no momento em que um membro da família revela que não é heterossexual, a mesma passa por diferentes fases no processo de aceitação da pessoa homossexual. Assim, primeiramente a família esforça-se por compreender e assimilar a informação sobre aquele membro em específico.

Embora a relação entre pais e filhos/as passe por algumas dificuldades, na maioria dos casos, tende a melhorar ao longo do tempo, através do assimilar da informação. O melhor preditor de relações, pós-revelação, entre lésbicas e gays e os seus pais, é a qualidade dos seus relacionamentos antes da revelação (Cohen & Savin-Williams, 1990 cit. por Patterson, 2000).

A aceitação da homossexualidade dos/as filhos/as nem sempre acontece, por diversas vezes, surgem casos de pais que, apesar de continuarem a amar os/as

filhos/as, são incapazes de aceitar a sua Orientação sexual (Oliveira, 2004). As reacções negativas dos pais têm por base um conjunto de medos em relação aos/as filhos/as, nomeadamente que estes os excluam da sua vida quando entrarem no mundo gay, que sejam rejeitados/as pelo grupo de pares ou vítimas de violência, que contraiam SIDA ou ainda que não encontrem um/a parceiro/a com que possam estabelecer uma relação sólida e contínua (Cianciotto & Cahill, 2003; Saltzburg, 2004; Frazão & Rosário, 2008).

Herd & Koff (2002 cit. Por Frazão & Rosário, 2008) sistematizaram dados relevantes sobre o processo de *Coming out* criando assim uma tipologia que resume as diferentes reacções ao *Coming out* dos/as filhos/as: Famílias Desintegradas, Famílias Ambivalentes e Famílias Integradas. Desta forma e de acordo com os autores supra citados, nas Famílias Desintegradas existe uma culpa considerável, acompanhada pela sensação de fracasso e embaraço. A revelação da Orientação sexual do/aos filhos/as a outras pessoas é bastante limitada, havendo um conflito igual ou maior do que antes da revelação. Neste tipo de famílias, não existe qualquer apreço pela Orientação sexual do/a filho/a bem como não existe qualquer contacto ou ligação com a comunidade gay, havendo conseqüentemente pouca receptividade dos/as parceiros/as dos/as filhos/as e das suas famílias, na sua vida. Nestes casos raramente existe, por parte dos pais, a capacidade para projectar a vida futura dos/as filhos/as.

Por sua vez, nas Famílias Ambivalentes há uma reacção interna mais baseada na vergonha do que é apresentado em público, existindo uma determinada ambivalência relativamente à necessidade de contar a outras pessoas e uma limitação da revelação a uma parte da família e amigos. Nestes casos observa-se uma alteração positiva nas relações familiares com maior comunicação, mas falta de resolução existindo, no entanto, reconhecimento, maior compreensão e sensibilidade pela Orientação sexual do/a filho/a. Há contacto com pais de outros/as homossexuais, bem como com os progenitores dos/as parceiros/as dos/as filhos/as, no entanto, este contacto muitas vezes é gerador de conflito. Nas Famílias Ambivalentes existe uma maior capacidade de projectar o futuro dos/as filhos/as, do que nas Famílias Desintegradas, apesar da existência de sentimentos como a incerteza e o receio (Herd & Koff 2002 cit. por Frazão & Rosário, 2008).

Por último, nas Famílias Integradas permanecem demonstrações de pouca ou nenhuma vergonha e recriminação, em que o apreço público é concordante com reacções internas. Neste caso o segredo é considerado como um fardo e, como tal, há uma revelação à maior parte dos amigos e família. Neste tipo de famílias permanece

um sentimento de melhoria nas relações familiares, em que os conflitos geram proximidade e não afastamento, havendo também uma maior proximidade com a comunidade gay. Existe uma inclusão evidente do/a companheiro/a do filho/a na família, bem como uma enorme capacidade para projectar acontecimentos positivos para o futuro do/a mesmo/a (Herdt & Koff 2002 cit. por Frazão & Rosário, 2008).

### **2.3. Relacionamento Familiar Após Revelação**

Um dos maiores fatores protectores do risco de suicídio em adolescentes é a existência de uma relação de qualidade entre os pais e os/as filhos(as) adolescentes. Uma quantidade significativa de pesquisas evidencia a relação existente entre a crítica parental, a indiferença emocional, a rejeição, o controlo e a ausência de cuidados e apoio à existência de ideação suicida ou tentativa de suicídio em adolescentes. Deste modo é-nos possível afirmar que os/as adolescentes homossexuais podem apresentar um risco acrescido de ideação suicida e/ou tentativa de suicídio, tendo em conta o decurso que envolve o processo de *Coming out*, onde a existência de conflitos e de rejeição por parte dos progenitores, se torna, por diversas vezes, bastante evidente (Diamond, Jurgensen & White, 2007).

Devido às mensagens/concepções homofóbicas presentes na sociedade muitos pais, pelo menos de forma inicial, percebem a Orientação sexual dos filhos como anormal, perversa, imoral e perigosa. Tais percepções podem levar os progenitores a demonstrar sentimentos como a decepção, a vergonha, a perda, a culpa, a raiva e a repulsa, que por sua vez podem gerar uma série de comportamentos como a negação, a rejeição, a humilhação, a violência, a demonstração de desconforto perante a homossexualidade do(a) filho(a) e a expulsão do(a) filho(a) adolescente de casa. Deste modo, a mensagem transmitida pelos pais é a de que algo está errado com o/a filho(a). Tal mensagem, produzida e evidenciada pelos progenitores podem originar no/a adolescente sentimentos de aversão, depressão e desesperança. Todos os sentimentos descritos anteriormente podem associar-se ao suicídio (Diamond, Jurgensen & White, 2007).

Estudos demonstram que adolescentes que relatam níveis elevados de apoio por parte dos progenitores, bem como a existência de uma boa comunicação entre todos, apresentam menos sintomatologia do foro mental, ideação suicida e tentativa de suicídio. Assim, quando os progenitores aceitam a Orientação sexual Homossexual

do(a) filho(a) como um aspecto integral deste, tornam-se capazes de validar os seus sentimentos, angustias e medos, acabando por se tornarem uma figura orientadora e de suporte que irá contribuir para a capacidade que o/a adolescente terá de gerir o facto de pertencer a uma minoria sexual (Diamond, Jurgensen & White, 2007).

Alguns estudos evidenciam ainda que a existência de uma forte ligação entre o(a) adolescente e os progenitores poderá amenizar os efeitos de vitimização exteriores à família (Diamond, Jurgensen & White, 2007).

### Capítulo III – Aceitar a diferença

A homossexualidade e a população LGBT parecem ser objectos de representações sociais (Costa, 2008). Existem inúmeras formas de ver a homossexualidade e algumas das representações são associadas a atitudes negativas para com a população LGTB. As diferenças entre representações dependem de diversos fatores, relacionados com as diferenças inter-individuais: como o grau de religiosidade (Nunan, 2003), os grupos a que pertencem as pessoas: como os grupos etários (Herek, 2002) ou, ainda, a forma de considerar as relações entre os grupos por exemplo, o nível de orientação para a dominância social (Whitley & Lee, 2000).

As representações sociais da homossexualidade podem levar à formação de preconceitos. Estes preconceitos persistem nas sociedades ocidentais modernas, apesar dessas defenderem valores igualitaristas que tornam politicamente incorrecta a expressão de atitudes preconceituosas. De acordo com Plant & Devine (1998, cit. por Costa, 2008), as respostas não preconceituosas por parte dos indivíduos têm uma base motivacional, que pode ser interna ou externa. Estas respostas podem provir do facto de um indivíduo ter valores de *locus* de controlo interno elevados, ou seja, baseia-se nas suas experiências e valores pessoais; ou ter valores de *locus* de controlo externo elevados, guiando-se pelos parâmetros socialmente aceites e normativos, tendo em conta a comunicação e as relações sociais externas.

Bernardes (2003, p. 314) afirma que Plant & Devine “*verificaram que as motivações internas, mas não as externas, estavam fortemente correlacionadas com medidas auto-relatadas de atitudes preconceituosas, sendo que quanto mais baixo o nível de preconceito, mais forte a motivação interna para controlar o preconceito*”. Analisando as representações sociais de respondentes portugueses, um estudo realizado por Costa (2008) indica que os heterossexuais têm mais motivações internas do que externas para responder de forma não preconceituosa perante a homossexualidade.

O preconceito do qual a população LGBT é alvo pode, no entanto, ser um preconceito clássico ou um preconceito moderno. O preconceito clássico tem por base objecções tradicionais, religiosas e morais que desaprovam a homossexualidade (Morrison & Morrison, 2002, cit. por Thinder, 2008). Já o preconceito moderno refere-se a atitudes e comportamentos negativos para com a população LGBT baseados na actualidade, contestações abstractas e preocupações tais como defender que gays e lésbicas não necessitam de se expor tanto para lutar pela vida que desejam (Thinder,

2008). Tais tipos de preconceito podem ser medidos, respectivamente, através da escala ATLG – Attitudes Toward Lesbians and Gay Men (Herek, 1988) e pela escala MHS – Modern Homonegativity Scale (Morrison & Morrison, 2002, cit. por Thinder, 2008).

Pesquisas demonstram que os heterossexuais apresentam mais características de preconceito moderno do que preconceito clássico, adquirindo valores mais altos na escala MHS do que na escala ATLG (Morrison & Morrison, 2002 cit. por Thinder, 2008). De acordo com estes resultados, o estudo de Costa (2008) evidencia que os níveis de preconceito moderno da população heterossexual portuguesa são substancialmente maiores que os níveis de preconceito clássico.

O estudo de Costa (2008) analisou também as consequências percebidas pelos heterossexuais da assumpção ou não assumpção da orientação sexual. O *coming out*, ou o self-disclosure, ou seja, o acto de revelar aos outros e a si mesmo, informações sobre a sua orientação sexual (Collins & Miller, 1994) leva, para as pessoas homossexuais, a consequências pessoais e sociais acabando por se traduzir numa disputa emocional onde o medo da retaliação e da rejeição é dominante (Costa, 2008).

Segundo a literatura, o *coming out* leva por um lado ao bem-estar psicológico, aumentando a auto-estima e reduzindo o *stress*, diminui os comportamentos de risco e facilita as relações interpessoais; por outro lado pode levar a represálias físicas, ao evitamento e a reprovação social (Corrigan & Mathews, 2003, cit. por Costa, 2008). Em conformidade com este ponto de vista, os resultados de Costa (2008), sugerem que a população heterossexual também considera que os sentimentos negativos dos homossexuais assumidos são de menor intensidade do que os dos não assumidos, embora a discriminação dos assumidos seja maior.

As atitudes que temos perante determinados assuntos, situações ou para com as pessoas influenciam decisivamente o nosso comportamento, principalmente quando estão sujeitas a polémicas e, ainda mais, se nos sentimos particularmente comprometidos. Quando se abordam assuntos como a sexualidade que envolvem questões como a homossexualidade, a identidade de género, a orientação sexual, etc., facilmente nos sentimos implicados, o que por ser um tema tão polémico origina grande diversidade de atitudes e comportamentos face ao tema (Mineiro, 2010).

Através da análise dos estudos existentes sobre a temática da sexualidade, em específico sobre a homossexualidade, damo-nos conta de que associado às atitudes face à sexualidade e às orientações sexuais está cada vez mais presente o termo

homofobia, como sinónimo da aversão, do medo, de diversos sentimentos de desaprovação face à orientação sexual, levando conseqüentemente a atitudes de preconceito e de discriminação contra pessoas LGBT. Todavia, é importante ter em mente que as atitudes de homofobia não são exclusivas dos heterossexuais existindo igualmente homossexuais que ostentam o mesmo tipo de atitudes ou comportamentos face a pessoas heterossexuais, apesar de ser de um modo diferente (Suplicy, 2000).

Importa assim compreender que a homofobia está representada como uma face visível do heterossexismo, havendo um reforço na dificuldade de aceitação da diferença sexual, algo que podemos compreender através da concepção de heterossexismo mencionada por Carneiro (2009), como sendo uma representação de valores, de crenças e de costumes destinados a estigmatizar qualquer outra forma de orientação sexual que não seja a considerada normal ou seja, a heterossexualidade.

Como é do conhecimento geral, a estrutura familiar tem sofrido algumas transformações ao longo dos anos tendo a família trocado o seu modelo hierárquico, no qual os papéis familiares eram rigidamente estabelecidos e o poder se encontrava centralizado na figura do pai, por um modelo igualitário, no qual se evidenciam os ideias de liberdade e respeito à individualidade (Dias & Gomes, 1999).

Neste modelo, não é correcto que os pais imponham as suas ideias aos filhos e/ou filhas ou os proibam de fazer determinadas coisas passando assim, o seu desenvolvimento a ser orientado pela experimentação e descoberta (Dias & Gomes, 1999). Assim, o diálogo, e não a autoridade, impõe-se como valor fundamental na educação e nas relações familiares (Dias & Gomes, 1999; Benincá, 1994; Figueira, 1991).

É inteligível que, neste delicado e complexo contexto semiótico, ou seja, formado por sistemas interligados de signos e códigos, pais e filhos/as encontrem dificuldades em encetarem conversas sobre a sexualidade. Diversas vezes os/as jovens sentem-se constrangidos/as ou temem a desaprovação dos seus pais que, por sua vez, não se sentem preparados para abordar o tema; isto porque conversar sobre o tema torna-se muito mais do que transmitir informações sobre o mesmo (Liskin, Kak, Rutledge, Smith & Stewart, 1985).

Dialogar sobre questões relacionadas com a sexualidade implica a transposição de barreiras como a idade e os valores de cada um, a favor de uma proximidade que facilite a percepção do momento existencial do/a filho/a, mediada por mensagens que não sejam limitativas nem permissivas. Implica ainda a formação de uma aliança comunicativa na qual o/a filho/a encontra um espaço de apoio para o seu

desenvolvimento psicológico. Todavia, muitos pais e filhos/as não conseguem estabelecer essa condição existencial para o diálogo, principalmente quando se trata de um tema tão controverso como é o da sexualidade (Dias & Gomes, 1999).

Assim, as conversas sobre sexualidade entre pais e filhos/as são marcadas por uma ambiguidade em que ambas as partes reconhecem o problema, mas evitam enfrentá-lo (Dias & Gomes, 1999).

No que respeita ao tema da sexualidade a abordagem do tema torna-se ainda mais complexa quando nele se envolvem questões sobre a orientação sexual, mais especificamente sobre a orientação sexual. O tema sobre a orientação sexual e as diferenças a esta associada, é algo de que ainda não se fala abertamente no seio familiar, o mais provável é que a maioria dos pais fique desorientado em abordar tais assuntos com os/as filhos/as e quando o fazem torna-se, na maioria das vezes, um discurso carregado de estereótipos e generalizações mal consolidadas (Mineiro, 2010). Como diz Rodrigues (2006), ao fazer referência ao modelo sistémico da teoria de Bertalanffy, a família é encarada como um sistema total, onde as ações e os comportamentos de um dos membros influenciam e simultaneamente é influenciado, pelos comportamentos de todos os outros membros.

No que respeita à educação sexual dos filhos, ao longo do seu crescimento, desde o início, é necessário existir cooperação e apoio de pais, famílias e outros atores da comunidade, reforçando-os regularmente, uma vez que as perceções e comportamentos dos jovens são fortemente influenciadas por valores familiares e comunitários, normas e condições sociais. Algumas pesquisas nesta área demonstraram que uma das maneiras mais efetivas de aumentar a comunicação entre pais e filhos na área de sexualidade é dar aos alunos como trabalho de casa a tarefa de discutir tópicos selecionados com pais ou outros adultos de confiança (Kirby, 2003). Desta forma se pais e professores se apoiarem mutuamente na implementação de um processo de ensino/aprendizagem guiado e estruturado, as hipóteses de crescimento pessoal de crianças e jovens provavelmente serão muito melhores.

## **Parte II – Estudo Empírico**

### **Capítulo IV - Método**

Na segunda parte do presente trabalho, apresenta-se o estudo empírico. Num primeiro momento, pretende-se descrever a metodologia orientadora do mesmo e, em seguida, será apresentada a problemática em estudo, os objetivos de investigação, bem como caracterizada a amostra e os instrumentos utilizados. Por fim, serão expostos os procedimentos adotados e as análises de dados realizadas.

#### **4.1. Considerações metodológicas**

A investigação científica é um processo sistemático e rigoroso que permite examinar fenómenos com o objetivo de obter respostas para questões precisas que requerem uma investigação, enquanto método que conduz à aquisição de novos conhecimentos pelo desenvolvimento da teoria ou pela verificação da teoria (Fortin, 1999).

É através da metodologia que se estudam, descrevem e clarificam os métodos utilizados ao longo do trabalho de investigação, de forma a responder ao problema colocado (Fortin, 1999). Segundo Polit, Beck, e Hungler (2004), a metodologia corresponde às técnicas utilizadas para estruturar a investigação e para reunir e analisar informações relevantes às questões de investigação. Assegura-se a fiabilidade e validade dos instrumentos, bem como a descrição de todos os passos de execução do estudo. Estas decisões metodológicas são necessárias para assegurar a qualidade e fiabilidade dos resultados de investigação (Fortin, 1999).

Segundo Fortin (1999), a determinação do tipo de estudo a realizar está associada à formulação do problema. Para este autor, as questões de investigação ditam o método apropriado à análise do fenómeno. Considerando a problemática em estudo e os objetivos definidos, optou-se por uma abordagem qualitativa.

A expressão “metodologia qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais, compreendendo um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e descodificar os componentes de um sistema complexo de significados (Neves, 1996, p.1). De acordo com Flick (2002) a investigação qualitativa é um método específico para o estudo das relações sociais

devido à pluralidade dos universos de vida, exigindo uma particular sensibilidade para o estudo empírico das questões.

A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada ao longo do seu desenvolvimento, não tendo como propósito enumerar ou medir eventos, sem que seja necessário empregar um instrumento estatístico para a análise dos dados (Neves, 1996). O seu foco de interesse é amplo, adotando dados descritivos mediante o contacto direto do pesquisador com a situação e objeto em estudo (idem). Neste tipo de pesquisas é frequente que o pesquisador procure entender os fenómenos segundo a perspectiva dos participantes da situação em estudo e, a partir daí, situe a sua interpretação dos fenómenos estudados (idem).

Ainda de acordo com o mesmo autor, os estudos qualitativos são elaborados no local de origem dos dados não impedindo o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico, mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica quando se tratam de fenómenos singulares e dotados de um certo grau de ambiguidade. De acordo com o mesmo os métodos qualitativos assemelham-se a procedimentos de interpretação de fenómenos que empregamos no nosso dia-a-dia.

A abordagem qualitativa assume um carácter exploratório que visa compreender as dimensões do fenómeno, o modo como se manifesta e ainda os fatores com os quais se relaciona (Polit & Hungler, 1995).

Após a escolha da metodologia de investigação, um dos processos importantes passa pela escolha do método mais apropriado para a recolha dos dados que assume uma extrema importância quando se encara a análise qualitativa numa perspectiva exploratória, como um meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade e não tanto numa ótica de verificação ou de teste de uma teoria ou de hipóteses preexistentes (Maroy, 1997).

Tendo em conta os objetivos da investigação e a problemática do estudo optou-se como técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada. A eficácia na utilização da técnica da entrevista não só depende do domínio da metodologia em que se insere, mas também exige uma atitude “antropológica” do entrevistador (Lalanda, 1998).

A entrevista semi-estruturada é a que mais se adequa ao método de estudo qualitativo, uma vez que permite aprofundar conhecimentos e favorecer a descrição, explicitação e compreensão dos fenómenos em estudo, permitindo uma relação direta do investigador com o entrevistado facilitando, deste modo, uma obtenção clara do

significado que os entrevistados atribuem aos fatores que descrevem (Bogdan & Biklen, 1994).

#### 4.2. Problemática em estudo

A escrita sobre a temática da orientação sexual, mais especificamente sobre a homossexualidade, na área da psicologia e psiquiatria portuguesas, é ainda pouco frequente.

Em 1993, através de uma análise dos estudos efetuados entre os anos 70 e 80, Garnets & Kimmell (1993) verificaram que o processo de descoberta da homossexualidade se dá entre os 12-13 anos, nos rapazes, e os 14-16 anos, nas raparigas. Alguns estudos, contemporâneos, vieram reforçar esta tendência e demonstrar uma equalização de género em termos de idade do *coming out*, esta seria, em média, de 15,6 anos nos rapazes e de 16 anos, nas raparigas (Savin-Williams, 2005). São inúmeros os adolescentes e jovens adultos que optam por revelar a sua orientação sexual à comunidade que os rodeia, sendo que no caso específico da família, muitos dos indivíduos sentem a necessidade de a revelar, por se considerarem incapazes de a manter em segredo. Durante bastante tempo, os homossexuais foram retratados como pessoas afastadas das suas famílias, no entanto, ao longo dos tempos este pensamento tem-se vindo a alterar, uma vez que a revelação da identidade sexual e a manutenção de contactos com esta se têm vindo a mostrar de extrema importância (LaSala, 2000; Goldfried & Goldfried, 2001). Desta forma, a tomada de decisão sobre quando e a quem revelar a orientação sexual, no contexto familiar, torna-se uma questão complexa. Savin-Williams (1998) mostra que a percentagem de homossexuais que revela a sua identidade sexual aos pais tem vindo a aumentar, sendo que 60 a 80% dos jovens revela a sua identidade sexual às mães e 30 a 65% aos pais. Alguns autores referem ainda que a revelação da identidade sexual à família segue um padrão. Inicialmente é revelada aos irmãos, mais tarde às mães e, só posteriormente, aos pais (LaSala, 2000; Cianciotto & Cahill, 2003).

A revelação da orientação sexual à família (processo de *coming out*) leva a uma crise familiar, uma vez que a reação típica dos membros é negativa, existindo diversas vezes rejeição emocional, violência verbal e/ou física e até mesmo a expulsão de casa. Alguns autores que trabalham a temática da aceitação da homossexualidade por parte dos progenitores, foram ao longo dos anos efetuando alguns estudos sobre o modo como estes reagem ao processo de *coming out* dos

filhos, bem como quais os padrões que regem o processo de aceitação ou não aceitação. Tal como foi referido no Capítulo I do estudo teórico, Herdt & Koff (2002), criaram uma tipologia baseada em diversos parâmetros, que resume os diversos modos de reação ao *coming out* dos filhos, bem como a todo o processo que a família atravessa; sendo eles: famílias desintegradas, famílias ambivalentes e famílias integradas. Na mesma linha de pensamento, Beeler & DiProva em 1999 (cit. por Frazão & Rosário; 2008) efetuaram um estudo onde analisaram as respostas familiares ao *coming out*, ao longo do tempo e à medida que a família aceitava a orientação sexual de um dos seus membros, desta forma, encontraram doze tópicos que surgiam com frequência no discurso das famílias.

Ainda no âmbito da reação da família à revelação da orientação sexual dos filhos, alguns autores sugerem que esta possa ser igualada ao modelo de estádios de luto de Kubler-Ross, sendo eles: a negação, a raiva, a culpa, a aceitação e a esperança (Frazão & Rosário, 2008).

No que concerne ao ajustamento e reorganização da estrutura familiar, alguns autores consideram que estes passam por três níveis: adaptação à identidade sexual dos filhos; adaptação à identidade como pai de um filho *gay* ou de uma filha lésbica; adaptação ao contexto social da adolescência ou adultícia, com o intuito de incluir outros jovens homossexuais no ciclo de relações dos filhos (Saltzburg, 2004).

Ainda no sentido de evidenciar a importância da temática em estudo, importa salientar a ausência de informação sobre alguns dos itens abordados ao longo do corpo teórico. A carência de estudos na área temática da homossexualidade, mais especificamente no âmbito da pessoa homossexual incluída na sua família núcleo (pai e mãe). Sobre este problema, Frazão & Rosário (2008) salientam que em território nacional abordar o tema da homossexualidade relacionando-o com a família mostra-se muito pouco frequente sendo a quantidade de estudos neste âmbito quase inexistentes.

### **4.3. Objetivos do estudo**

#### **4.3.1. Objectivo geral**

A presente investigação de carácter exploratório tem como objetivo compreender o tipo de percepção de aceitação que é percebido pela pessoa homossexual tendo esta efetuado o processo de *coming out perante* os progenitores ou encontrando-se na eminência de o fazer.

### **4.3.2. Objetivos Específicos**

De acordo com o anteriormente referido e atendendo ao objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos que servirão de orientação à presente investigação:

- Verificar como decorreu o processo de auto-aceitação;
- Identificar os motivos que levaram ou irão levar à revelação da orientação sexual;
- Abordar o modo como o processo de *coming out* afecta as relações familiares;
- Identificar as repercussões que resultam da vivência do processo de *coming out*;
- Verificar se a reação à revelação da orientação sexual homossexual pode ser equiparada ao modelo de estados de luto de Kubler-Ross;
- Identificar a interpretação atribuída à revelação da Orientação sexual homossexual, quer pelos pais, quer pelos filhos;
- Verificar se o estilo parental percebido, na opinião do participante, exerce influência sobre processo de aceitação da Orientação sexual homossexual;

### **4.4. Critérios de inclusão no estudo**

Considerando o objetivo do estudo e a média de idades em que se dá a revelação da orientação sexual à família, para uma maior eficácia do estudo foram considerados os participantes que se assumiam apenas como homossexuais/lésbicas (tendo-se excluído participantes bissexuais e com relações heterossexuais) e que tinham idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos.

### **4.5. Caracterização dos participantes**

No presente estudo participaram um total de 7 sujeitos homossexuais.

Uma vez esclarecidos os critérios de inclusão dos participantes, apresenta-se no Quadro 1 e 2, os aspetos sociodemográficos dos mesmos, obtidos através da realização de questionário sociodemográfico (Anexo 1). Como se pode verificar, dos 7 sujeitos entrevistados, 4 pertencem ao sexo feminino e 3 ao sexo masculino, sendo que todos residem em meio urbano. As idades dos/as participantes que constituem a

amostra estão compreendidas entre o valor mínimo de 23 anos e o valor máximo de 29 anos.

Em relação às habilitações académicas, optou-se por uma classificação em níveis de ensino: 1º ciclo (1-4 anos); 2º ciclo (5-6 anos); 3º ciclo (7-9 anos), secundário (10-12 anos) e superior. Observou-se que a totalidade dos sujeitos entrevistados (N= 7) concluiu o 1º ciclo do ensino superior.

**Quadro 1: Caracterização sócio-demográfica dos participantes assumidos perante os progenitores (Grupo 1)**

<b>Sujeito</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Habilitações literárias</b>	<b>Localidade de residência</b>	<b>Co-Habita c/ os progenitores</b>	<b>Relacionamento amoroso</b>
<b>A1</b>	M	26	Ensino Secundário	Lisboa	Não	Não
<b>A2</b>	F	26	Licenciatura	Lisboa	Não	Não
<b>A3</b>	F	28	Mestrado	Póvoa Sta Iria	Sim	Sim
<b>A4</b>	F	24	Mestrado	Lisboa	Sim	Não
<b>A5</b>	M	24	Ensino Secundário	Viseu	Não	Sim

**Quadro 2: Caracterização sócio-demográfica dos participantes não assumidos perante os progenitores (Grupo 2)**

Sujeito	Sexo	Idade	Habilitações literárias	Localidade de residência	Co-Habita c/ os progenitores	Relacionamento amoroso
NA1	F	23	Licenciatura	Lisboa	Não	Sim
NA2	M	29	Licenciatura	Lisboa	Não	Não

#### 4.5.1. Instrumentos

A recolha de dados constitui-se um dos procedimentos mais importantes no decorrer de uma investigação. Para Fortin (1999), este processo tem como objetivo obter de forma sistemática a informação desejada junto dos participantes, com a ajuda de instrumentos de medida.

Segundo Maroy (1997), a recolha de dados assume extrema importância quando se encara a análise qualitativa numa lógica exploratória, como um meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade, e não tanto numa óptica de verificação ou de teste de uma teoria ou de hipóteses preexistentes (p. 117).

Considerando o objeto de estudo, os objetivos definidos e a problemática construída, utilizou-se como principal técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada. Este tipo de entrevista é uma das mais utilizadas na metodologia qualitativa, pois permite aprofundar conhecimentos e favorecer a descrição, explicitação e compreensão dos fenómenos em estudo, permitindo ainda uma relação direta entre o investigador e o entrevistado, e facilitando a obtenção clara do significado que os entrevistados atribuem aos factos que descrevem (Bogdan & Biklen, 1994). Segundo Foddy (1996), esta técnica vai permitir ao investigador a recolha de dados descritivos na linguagem do sujeito, bem como as suas perceções da realidade. De acordo com o mesmo autor, a colocação de questões possibilita o acesso a um tipo de informação mais subjetivo, nomeadamente comportamentos, experiências passadas, motivações, crenças, valores e atitudes.

Na entrevista semi-estruturada, o investigador possui um conjunto de temas a abordar, fórmula questões a partir desses temas e apresenta-os ao participante segundo a ordem que percebe como pertinente (Fortin, 1999). Para Ghiglione & Matalon (1997), o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reações por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixados ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista (p. 64).

Neste sentido, uma vez que na entrevista semi-estruturada a recolha de informação não é feita através de uma ordem específica, verificou-se a necessidade de estruturação prévia da mesma. Assim sendo, considerámos pertinente construir um guião de entrevista (Anexo II).

#### **4.5.2. Procedimentos**

Para a realização da presente investigação foi solicitado auxílio a algumas associações como a ILGA, AMPLOS, Rede Ex-aequo e a Portugal Gay.

Os/As participantes foram selecionados/as tendo por base os fatores de inclusão para o estudo: assumirem-se como sendo homossexuais, terem entre 18 e 30 anos e serem de nacionalidade portuguesa.

Após a recolha da metodologia a integrar na presente investigação foram elaborados dois guiões de entrevista, um destinado aos participantes que efetuaram o processo de *coming out* perante os progenitores (Anexo 2) e outro destinado aos participantes que ainda não efetuaram o processo de *coming out* perante os progenitores (Anexo 3). Os guiões de entrevista encontram-se divididos por blocos temáticos existindo, para cada um, objetivos e questões específicas. A construção de dois guiões de entrevista prende-se com o objetivo de compreender quais os motivos, razões e crenças apontados quer por um grupo, quer por outro que coincidem ou divergem. Para a construção dos guiões teve-se especial atenção à formulação e sequência das questões para que estas não pudessem ser previstas pelo entrevistado. Assim, foi possível ao entrevistado responder às questões amplamente, evidenciando as suas perceções, construindo as suas respostas e exprimindo-se de um modo não induzido pela entrevistadora.

As entrevistas foram realizadas individualmente em local à escolha do participante, tendo cada entrevista a duração aproximada de 15 a 30 minutos.

Num primeiro momento foi solicitado aos participantes que assinassem o consentimento informado (Anexo 4) tendo-lhes sido informado que a participação era

voluntária e que toda a informação obtida estaria assegurada pela confidencialidade dos resultados. A aplicação foi apresentada aos/às participantes como sendo relativa a uma investigação para a Dissertação de Mestrado, que pretendia compreender a percepção da aceitação da homossexualidade no núcleo familiar, nomeadamente que tipo de percepção de aceitação é entendido pela pessoa homossexual tendo esta efetuado o processo de *coming out* perante os progenitores ou encontrando-se na eminência de o fazer.

Posteriormente foram recolhidos os dados acerca do/a participante, através de um questionário sociodemográfico (Anexo 1). Os itens que constituíam o questionário sociodemográfico referiam-se sobretudo à idade, estado civil, número de filhos, local de residência (meio urbano/meio rural), profissão, habilitações académicas. No mesmo questionário foram ainda introduzidas questões sobre o facto de o/a participante ser um/a homossexual assumido/a perante os pais e no caso de a resposta ser positiva, desde quando. De seguida procedeu-se à entrevista propriamente dita.

As entrevistas foram gravadas em gravador digital para que fosse mais fácil e fidedigna a sua posterior transcrição e a análise dos dados. A utilização do gravador, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), é recomendada quando a entrevista é a principal técnica de recolha de dados, para que não se percam informações importantes para o estudo. Após a realização e gravação das entrevistas, estas foram transcritas, de modo a facilitar a sua análise. Aquando das transcrições foram atribuídos códigos às entrevistas, numeradas de 1 a 10, correspondendo ao número de participantes.

#### **4.6. Tratamento dos dados**

Após a recolha dos dados, procedeu-se à sua análise recorrendo à técnica de análise de conteúdo. Esta técnica, segundo Bardin (1994, p.37) pode ser definida por um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que procuram obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

De acordo com Polit e Hungler (1995), a análise de conteúdo pretende analisar um discurso verbal ou escrito, de forma sistemática e objetiva. Para Fortin (1999) esta técnica pretende medir a frequência, a ordem e a intensidade de algumas palavras, frases ou expressões, assim como determinados factos e acontecimentos. A análise

de conteúdo permite tratar de forma metódica as informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Esta forma de análise possibilita a sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão desse conteúdo, tendo por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens, nomeadamente ao emissor e/ou ao seu contexto ou, eventualmente, aos efeitos dessas mensagens (Bardin, 1994). Minayo (1993) refere que a análise de conteúdo, geralmente, relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados, além de articular a superfície dos textos descritos e analisados com os fatores que determinam as suas características: variáveis psicossociais, contexto natural e processo de produção da mensagem.

Maroy (1997) propõe para a análise qualitativa das entrevistas, um procedimento organizado segundo etapas sucessivas:

Trata-se, em primeiro lugar, de descobrir o material, de forjar ou de testar um fio condutor atribuído à análise (sob a forma de grelha de análise) (etapa 1), de seguidamente, proceder a uma comparação sistemática do material graças a essa grelha (etapa 2) e de, finalmente, validar diversas hipóteses e interpretações forjadas no decurso da análise (etapa 3) (p. 124).

As entrevistas realizadas no presente estudo foram então submetidas a uma análise de conteúdo com o auxílio do *software* QSR NVivo 10, específico para a análise qualitativa de dados. Embora a compreensão do sentido dos textos não possa ser realizada pelo computador, na análise interpretativa existem tarefas mecânicas que podem ser computadorizadas. A utilização deste *software* facilitou a agregação de toda a informação relevante sobre um determinado tópico e ofereceu maior rigor a todo o processo de análise e codificação (Kelle & Laurie, 1995).

Neste sentido, após a transcrição das entrevistas, ocorreu uma leitura flutuante do material (Bardin, 1994), com vista ao estabelecimento de categorias (corresponde à primeira etapa, defendida por Maroy). A categorização visa “(...) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (Bardin, 1994, p.119). Segundo Bardin (1994, p. 37), as categorias são uma “(...) espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem”.

A categorização pode ser estabelecida *à priori*, ou seja, a partir de um marco teórico e conceptual, ou *à posteriori*, isto é, a partir de um processo indutivo, à medida

que se examinam os dados (Gómez, Flores & Jimenéz, 1999). No presente estudo, é possível falar de um procedimento misto, pois definiram-se categorias *à priori*, que resultaram do corpo teórico e, por outro lado, aprimorou-se o sistema de categorias, em função da emergência de elementos que indicavam a pertinência de novas categorizações. De salientar que a categorização foi também orientada pelos objetivos de investigação.

Abordar o tema de categorização, implica definir unidade de contexto e unidade de registo. A primeira é constituída pelo segmento de texto, de onde se extrai a unidade de registo e que contribui para a compreensão da mesma. As unidades de registo são segmentos discretos, expressões do texto, referentes aos aspetos individuais da experiência dos participantes (Polit, Beck & Hungler, 2004). Vala (2003) faz a distinção entre unidades de registo formais e semânticas. Nas primeiras, “podemos incluir a palavra, frase, uma personagem, a intervenção de um locutor numa discussão, uma interação ou ainda um item” (p. 114). Nas segundas, “a unidade mais comum é o tema ou a unidade de informação” (p. 114).

Segundo Vala (2003) uma unidade de registo reflete, através do discurso do sujeito, o conteúdo de cada categoria. Para Gómez et al., (1999), categorizar dados implica decidir se determinadas unidades de registo podem ou não ser incluídas em dada categoria, ou seja, pressupõe a codificação das unidades de registo. De acordo com Maroy (1997), a codificação constituiu-se a segunda etapa da tarefa de análise de conteúdo e pressupõe “ (...) codificar o conjunto do material significativo; atribuir uma configuração e uma organização dos dados; efetuar, paralelamente, um trabalho de interpretação” (p. 128). A codificação compreende a comparação sistemática dos conteúdos, que será sempre suscetível de redefinições ao longo de todo o processo de análise de conteúdo. Após o processo de categorização, seguiu-se a posterior inclusão de subcategorias, a partir dos dados recolhidos.

Neste sentido, o sistema final de categorias da presente análise de conteúdo é constituído por 7 categorias, uma categoria livre que corresponde aos dados não codificados.

De seguida, serão apresentadas todas as categorias e os critérios de construção de cada uma, revelando a sua pertinência para os objetivos de estudo delimitados. No total, as 7 entrevistas introduzidas para análise produziram 70 unidades de registo (UR), para o grupo 1 e 26 unidades de registo (UR) para o grupo 2 que foram codificadas utilizando 7 categorias.

#### 4.7. Sistema de categorias

##### Grupo 1 – Participantes assumidos/as perante os progenitores

Este grupo surgiu da necessidade de codificarmos as respostas relacionadas com as perceções sobre a aceitação da orientação sexual no núcleo familiar bem como com a necessidade de obter informação relativa aos estilos educativos parentais utilizados bem como questões inerentes ao processo de *coming out*.

##### Grupo 2 – Participantes não assumidos/as perante os progenitores

Este grupo surgiu para verificarmos se os níveis de perceção sobre a aceitação percebidos se podem equiparar aos do grupo anteriormente descrito, no sentido de ser efetuada uma comparação entre os/as participantes assumidos/as e não assumidos/as perante o núcleo familiar.

Do tratamento do conteúdo das entrevistas realizadas aos dois grupos mencionados acima, resultaram as seguintes categorias:

##### **Categoria 1 – Processo de auto-aceitação**

Esta categoria diz respeito ao modo como os/as entrevistados (grupo 1 e 2) encaram processo que tem início a partir do momento em que se apercebem da sua orientação sexual. Dada a existência de dois grupos podemos afirmar que:

As questões que preenchem esta categoria são iguais em ambos os guiões de entrevista.

GRUPO 1: categoria descrita por cinco participantes com um total de 21 referências.

GRUPO 2: categoria descrita por 2 participantes com um total de 5 referências.

Desta categoria resultaram 6 subcategorias primárias: *complicado*, *demorado*, *negativo*, *positivo* e *rápido*.

De seguida passamos à definição de cada subcategoria ilustrando exemplos da situação:

**Complicado** – Existência de dúvidas e receios relativamente à orientação sexual, condicionados por ideias pré-concebidas.

Grupo 1: *“Como eu já disse, mesmo complicado, sempre tentei negar e sempre fiz tudo para que as pessoas não pensassem que eu era ou nem sequer ficasse com a dúvida”.*

**Demorado** - O processo de auto-aceitação foi demorado tendo existido episódios em que a gestão de emoções se tornou confuso e complicou todo o processo.

Grupo 1: *“... mesmo complicado, sempre tentei negar e sempre fiz tudo para que as pessoas não pensassem que eu era ou nem sequer ficasse com a dúvida. Fiz todas aquelas parvoíces de, sei lá, dizer que aquela rapariga era muito gira e não sei quê... Fui sempre construindo um discurso que não era o meu, ou seja tentava sempre trocar as minhas ideias e pronto, isso é muito mau, negar sempre até ao fim, continuar a negar é muito mau ...”*

**Rápido** – O processo de auto-aceitação aconteceu rapidamente após a interiorização da orientação sexual.

Grupo 1: *“A descoberta foi, não sei, rápido. Acho que, não sei, já estava habituada a lidar com os meus sentimentos e a conseguir dar-lhes... Entende-los! Ou pronto: sempre tentei fazer esse esforço, e quando me apercebi, pronto, aceitei”.*

**Negativo** – O processo de auto-aceitação teve início com a percepção de que algo estaria errado com o/a participante.

Grupo 1: *“Fui sempre construindo um discurso que não era o meu, ou seja tentava sempre trocar as minhas ideias e pronto, isso é muito mau, negar sempre até ao fim, continuar a negar é muito mau”.*

Grupo 2: *“(...) foi difícil! Até porque eu neguei durante quatro anos (...)”*

**Positivo** – O processo de auto-aceitação aconteceu de forma natural, sem que existissem dúvidas ou o sentimento de que se passaria algo errado.

Grupo 1: *“já estava habituada a lidar com os meus sentimentos, e a conseguir (...) entende-los. (...) sempre tentei fazer esse esforço, e quando me apercebi, pronto, aceitei.”*

Grupo 2: *“(...) quando vim para cá, (...) passei a assumir-me muito melhor (...)”*

**Quadro 3: Categoria 1 – Processo de auto-aceitação**

Subcategorias	Grupo 1 (assumidos, n=5)		Grupo 2 (não assumidos, n=5)	
	Unidades de Registo	Número de entrevistados	Unidades de registo	Número de entrevistados
Complicado	8	4	0	0
Demorado	1	1	1	1
Negativo	3	2	0	0
Rápido	6	3	0	0
Normal	2	2	0	0
Positivo	1	1	1	1

No quadro 3 podemos observar que as unidades de registo (UR) se referem a descrições feitas pelos sujeitos sobre o seu processo de auto-aceitação. O número de entrevistados (NE) refere-se ao número de entrevistados que fizeram descrições para determinada subcategoria referente ao processo.

Grupo 1: Como nos é possível observar no quadro 3 a subcategoria referida por um número maior de entrevistados (NE = 4) foi: complicado, tendo sido também a que obteve mais referências (UR = 8).

Grupo 2: Podemos verificar no quadro 4 que apenas duas subcategorias são referenciadas existindo, para cada uma delas uma única referência (UR = 1/ NE = 1).

### **Categoria 2 – Processo de tomada de decisão**

Esta categoria diz respeito aos motivos apontados para a divulgação da orientação sexual. Tendo em conta a existência de dois grupos disparem no aspecto da revelação da homossexualidade, existe a necessidade de salientar que, no caso específico do grupo 2, as respostas foram proferidas com vista no futuro.

Desta categoria resultam 5 subcategorias primárias: *ausência de bem-estar, bem-estar emocional, liberdade de expressão, relacionamento amoroso, vida dupla.*

**Ausência de bem-estar** – a ausência de bem-estar é um fator predisponente para o processo de tomada de decisão

Grupo 1: *“(...) quis tranquiliza-la de alguma forma porque já tinha vinte e quatro anos e ela poderia estar a pensar no que se passava.. (...) das vezes que saía de casa, passava duas, três noites sem dormir em casa, porque dormia com ele, então decidi contar abertamente o que se passava, não fosse ela pensar coisas bem piores”.*

Grupo 2: *“Eu sinto-me...algo mal. Especialmente em alturas em que nós vamos sair e eles falam sobre as namoradas dos meus irmãos. E eu sinto-me um bocado (...) injustiçada por uma injustiça que eu própria fiz, não é?!”*

**Bem-estar emocional** – a ausência de bem-estar emocional é um fator predisponente para o processo de tomada de decisão

Grupo 1: *“Descargo de consciência e também para poder falar com eles abertamente sobre as coisas.”*

**Liberdade de expressão** – a ausência de liberdade de expressão é um fator predisponente para o processo de tomada de decisão

Grupo 1: *“(...) não posso continuar a negar uma coisa que faz parte de mim”.*

Grupo 2: *“(...) especialmente em alturas em que nós vamos (...) e eles falam sobre as namoradas dos meus irmãos.*

**Relacionamento amoroso** – a existência de um relacionamento amoroso é um fator predisponente para o processo de tomada de decisão

Grupo 1: *“Foi exatamente isso, querer partilhar o momento que estava a viver com a pessoa que eu tinha no momento, a felicidade de estar apaixonado por uma pessoa que era brutal, muito giro e tinha mesmo um futuro brilhante pela frente, por isso é que quis partilhar”.*

Grupo 2: *“(...) porque a nossa relação começa a tomar outras proporções e, por isso, será necessário dar o passo que falta e revelar (...)”*

**Vida dupla** – o desagrado pela existência de uma vida dupla é um fator predisponente para o processo de tomada de decisão

Grupo 1: “(...)eu só tomei essa decisão porque às vezes, sei lá, quero falar e não quero estar a pensar no que vou falar para não me sair uma coisa que eles achem esquisito.

**Quadro 4: Categoria 2 – Processo de tomada de decisão**

	Grupo 1 (assumidos, n=5)		Grupo 2 (não assumidos, n=5)	
<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>	<b>Número de entrevistados</b>	<b>Unidades de registo</b>	<b>Número de entrevistados</b>
<b>Ausência de bem-estar</b>	2	2	1	1
<b>Bem-estar emocional</b>	1	1	0	0
<b>Liberdade de expressão</b>	4	2	1	1
<b>Relacionamento Amoroso</b>	2	1	1	1
<b>Vida Dupla</b>	1	1	0	0

No quadro 4 as unidades de registo (UR) dizem respeito ao número de referências efectuadas pelos entrevistados sobre o processo de tomada de decisão. O número de entrevistados (NE) refere-se ao número de entrevistados que fizeram essas referências.

Ao efetuarmos uma análise geral do quadro 4, podemos verificar que se identificam fatores comuns entre o grupo 1 e 2, sendo eles: ausência de bem-estar; liberdade de expressão e relacionamento amoroso.

No quadro 4 relativamente ao Grupo 1: Podemos observar que a subcategoria com um maior número de referências é: liberdade de expressão (UR =4).

Grupo 2: No quadro 4 podemos verificar que este grupo apresenta duas subcategorias a menos: bem-estar emocional e vida dupla.

Após o processo de auto-aceitação seguem-se a luta para realizar o processo de *coming out* diante da família e dos amigos de exteriores à comunidade *gay*, a busca por relações afetivas e, eventualmente, o encontro com um ou mais companheiros que se tornam parceiros de vida.

Hershberger & D'Augelli (1995) referem que a maioria dos jovens tem receio de revelar a sua orientação sexual à família. De acordo com os autores, quando as mães conhecem a orientação sexual do(a) filho(a), 8% mostram-se intolerantes mas não os rejeitam e 12% rejeitam-nos; relativamente aos pais, 10% revelam-se intolerantes e 18% rejeitam a orientação sexual dos filhos.

### **Categoria 3 – Influência do processo de *coming out* nas relações familiares**

Desta categoria resultam 7 subcategorias primárias: *maior proximidade, distanciamento, tranquilidade, vida dupla, demonstração de afeto, indiferença, confiança.*

**Maior proximidade** – a revelação da orientação sexual perante os progenitores permitiu a existência de uma maior proximidade entre o núcleo familiar.

Grupo 1: *“Tornei-me mais próximo da minha mãe (...)”*

Grupo 2: *“É provável que eles tentem ser um bocado mais afectuosos (...)”*

**Distanciamento** – a revelação da orientação sexual perante os progenitores gerou um afastamento entre o núcleo familiar ou alguns membros do mesmo.

Grupo 1: *“(...) e a minha mãe não mudou nada porque ela simplesmente, passou por cima desse assunto (...) não, nunca menciona isso”.*

Grupo 2: *“(...) sim, vai afastar-se, acredito que sim”*

**Tranquilidade** – a revelação da orientação sexual perante os progenitores permitiu que o núcleo familiar atingisse tranquilidade entre os seus membros.

Grupo 1: *“Deu-me bastante mais tranquilidade, sem dúvida”.*

Grupo 2: *“Vou finalmente respirar fundo”.*

**Vida dupla** – a revelação da orientação sexual perante os progenitores permitiu o término da ocultação de factos da vida de um dos membros do núcleo familiar.

Grupo 1: *“Porque uma coisa é dizer que vou ali com uma amiga e sentir uma tensão porque estou a mentir e outra coisa é dizer “olha, vou ali com um amigo, não há problema nenhum, não te preocupes”.*

**Demonstração de afeto** – a revelação da orientação sexual perante os progenitores deu origem a episódios mais frequentes de demonstração de afeto entre pais e filho/a.

Grupo 2: *“É provável que eles tentem ser um bocado mais afetuosos (...)”.*

**Indiferença** – a revelação da orientação sexual perante os progenitores deu origem ao sentimento de indiferença por parte de um ou ambos os progenitores relativamente à condição do/a filho/a

Grupo 1: *“Não diz nada, Já nem me pergunta nem por namorados nem por nada nem por ninguém (...)”*

Grupo 2: *“(...) vai procurar fingir que não existo ignorando-me e tratando-me com desdém”.*

**Confiança** - a revelação da orientação sexual perante os progenitores deu origem ao sentimento de maior confiança por parte de um ou ambos os progenitores relativamente à condição do/a filho/a.

Grupo 1: *“com a minha mãe senti-me mais próximo, mais confidente, se calhar”.*

**Quadro 5: Categoria 3 – Influência do processo de *coming out* nas relações familiares**

Subcategorias	Grupo 1 (assumidos, n=5)		Grupo 2 (não assumidos, n=5)	
	Unidades de Registro	Número de entrevistados	Unidades de registro	Número de entrevistados
Confiança	2	1	0	0
Demonstração de afeto	0	0	1	1
Distanciamento	1	1	2	1
Indiferença	1	1	1	1
Maior proximidade	3	1	2	1
Tranquilidade	2	1	3	1
Vida dupla	1	1	0	0

No quadro 5 as unidades de registro (UR) dizem respeito ao número de referências efetuadas pelos entrevistados sobre a influência do processo de *coming out* nas relações familiares. O número de entrevistados (NE) refere-se ao número de entrevistados que fizeram essas referências.

Ao efetuarmos uma análise geral do quadro 5, podemos verificar que se identificam fatores de influência nas relações familiares comuns entre o grupo 1 e 2, sendo eles: distanciamento; indiferença; maior proximidade e tranquilidade.

No quadro 5 relativamente ao Grupo 1: Podemos observar que a subcategoria com um maior (UR =3) é a: maior proximidade. Nesta categoria, este grupo apresenta uma subcategoria que não foi referenciada: Demonstração de afeto.

Grupo 2: No quadro 5 podemos verificar que este grupo apresenta duas subcategorias a menos, a confiança e a vida dupla e, por isso, menos 1 que o grupo 1. No entanto, das subcategorias referidas, a que é referenciada mais vezes é a tranquilidade (UR= 3) seguida da subcategoria maior proximidade e distanciamento (UR=2).

#### **Categoria 4 – Repercussões do processo de *coming out***

Esta categoria surgiu da necessidade de compreender quais as consequências positivas e/ou negativas que resultam ou poderão vir a resultar do processo de *coming out* perante os progenitores.

Desta categoria resultam 3 subcategorias primárias: *manutenção do comportamento, distanciamento e sofrimento*.

**Manutenção do comportamento** – O processo de *coming out* não contribuiu para a alteração do padrão de comportamento tendo-se, por isso, mantido.

Grupo 1 – “(...)eu sempre fui uma pessoa bastante fria em relação à minha mãe e acho que se manteve, não nos aproximou mais no sentido de dar mais abraços ou beijos, acho que não”.

Grupo 2 – “Nada porque eu sempre fui uma pessoa muito calada (...). Eu nunca falei muito sobre determinadas coisas com os meus pais. Portanto, não se vai alterar nada, nesse sentido”.

**Distanciamento** – O processo de *coming out* contribuiu para a existência de afastamento entre um ou mais membros do núcleo familiar.

Grupo 1 – “(..) sim se falarmos de comunicação familiar e referirmos a questão da minha mãe, por exemplo, contornar o assunto e nem sequer referir...se calhar (...) criou-se aí um pequeno bloqueio”.

**Sofrimento** – o processo de *coming out* não foi bem aceite pelos progenitores e, como tal, houve episódios de grande tristeza e sofrimento alienado a uma má gestão das emoções.

Grupo 1: “(...) ainda hoje grita e recusa-se a acreditar na realidade que tem diante dos olhos (...) sofre e faz sofrer os outros”.

**Quadro 6: Categoria 4 – Repercussões do processo de *coming out***

Subcategorias	Grupo 1 (assumidos, n=5)		Grupo 2 (não assumidos, n=5)	
	Unidades de Registo	Número de entrevistados	Unidades de registo	Número de entrevistados
Distanciamento	1	1	0	0
Manutenção do comportamento	2	2	1	1
Sufrimento	1	1	0	0

No quadro 6 as unidades de registo (UR) dizem respeito ao número de referências efetuadas pelos entrevistados sobre a influência do processo de *coming out* nas relações familiares. O número de entrevistados (NE) refere-se ao número de entrevistados que fizeram essas referências.

Ao efetuarmos uma análise geral do quadro 4, podemos verificar que se identificam fatores semelhantes, no que respeita às repercussões sentidas após o processo de *coming out*, entre o grupo 1 e 2, sendo eles: distanciamento e manutenção do comportamento

No quadro 6 relativamente ao Grupo 1: Podemos observar que a subcategoria com um maior (UR =2) é a: manutenção do comportamento.

Grupo 2: No quadro 6 podemos verificar que este grupo apresenta duas subcategorias a menos: distanciamento e sofrimento; tendo ficado, por isso, com uma única subcategoria: manutenção do comportamento (UR=1/NE=1)

Esta categoria foi criada com o intuito de dar resposta ao objectivo geral da investigação:

#### **Categoria 5 – Processo de aceitação parental**

Desta categoria resultam 5 subcategorias primárias: bem-estar; formação profissional; nível de escolaridade; personalidade e proximidade afetiva.

**Bem-estar** – Ao longo do processo de aceitação parental existiu/existirá tranquilidade que possibilitou/irá possibilitar à família atingir o bem-estar necessário para ultrapassar a fase de crise.

Grupo 1: *“Saudável, muito saudável, sem qualquer tipo de problema, não houve nenhum tipo de negação ou de “isso um dia passa”, não, não houve nada disso.”*

**Formação profissional** – A formação profissional de um ou ambos os progenitores contribuiu/irá contribuir significativamente para que o processo de aceitação pudesse/possa acontecer

Grupo 1: *“Sem dúvida a atividade profissional, a formação académica superior, não só o facto de ser professora mas também directora de turma, estar muito próxima dos alunos.”*

Grupo 2: *“O facto de a minha mãe toda a vida ter lutado contra a discriminação irá influenciar bastante o modo como ela vai reagir (...)”*

**Nível de escolaridade** – o nível de escolaridade atingido por um ou ambos os progenitores influenciou/irá influenciar o processo de aceitação parental, facilitando-o.

Grupo 1: *“Sem dúvida a atividade profissional, a formação académica superior, não só o facto de ser professora mas também directora de turma, estar muito próxima dos alunos.”*

**Personalidade** – a personalidade do/a entrevistado/a exerceu/exercerá uma grande influência no processo de aceitação parental.

Grupo 1: *“Não sei, acho que é a minha personalidade. Eles sabem que eu sou um bocado assim, o que eu lhes digo é... não é tipo “eu mando” mas eles sabem que eu mando na minha vida e sempre, puxei esse direito e sempre. “*

Grupo 2: *“Conhecem-me bem, sabem que contra mim nada poderão fazer, quando quero levo a minha à vante, sempre!”*

**Proximidade afectiva** – ao longo do processo de aceitação parental houve/haverá uma maior proximidade afectiva entre os membros do núcleo familiar.

Grupo 1: *“Tornei-me mais próximo da minha mãe (...)”*

**Quadro 7: Categoria 5 – Processo de aceitação parental**

Subcategorias	Grupo 1 (assumidos, n=5)		Grupo 2 (não assumidos, n=5)	
	Unidades de Registo	Número de entrevistados	Unidades de registo	Número de entrevistados
Bem-estar	1	1	0	0
Formação profissional	1	1	1	1
Nível de escolaridade	1	1	0	0
Personalidade	1	1	2	1
Proximidade afectiva	3	1	0	0

No quadro 7 as unidades de registo (UR) dizem respeito ao número de referências efectuadas pelos entrevistados aludindo o processo de aceitação parental. O número de entrevistados (NE) refere-se ao número de entrevistados que fizeram essas referências.

Ao efetuarmos uma análise geral do quadro 7, podemos verificar que se identificam fatores de influência nas relações familiares comuns entre o grupo 1 e 2, sendo eles: formação profissional e personalidade.

No quadro 7 relativamente ao Grupo 1: Podemos observar que a subcategoria com um maior (UR =3) é a: proximidade afectiva.

Grupo 2: No quadro 7 podemos verificar que este grupo apresenta três subcategorias a menos: bem-estar, personalidade e proximidade afectiva. No entanto, das subcategorias referidas, a que é referenciada mais vezes é a personalidade (UR= 2).

## **Categoria 6 – Estados de luto de Kubler-Ross**

Esta categoria surgiu da necessidade de equiparar os estados de luto de Kubler-Ross ao processo de aceitação pelo qual os progenitores passam após o processo de cominout dos/as filhos/as.

Desta categoria resultam 5 subcategorias primárias: *negação, negociação, revolta, depressão e aceitação.*

**Negação** – Situação em que um ou ambos os progenitores recusam a acreditar no que está a acontecer

Grupo 1: *“Fez aquele suspiro, aquele som e depois disse “ ai filha, mas vocês são só amigas. De certeza”.*

Grupo 2: *“Vai recusar-se a acreditar (...)”.*

**Negociação** – Um ou ambos os progenitores efectuam um acordo com o destino/entidade superior, pedindo-lhe que este proporcione a alteração da orientação sexual do filho

Grupo 1: *“Ainda foi lá rezar lá para os santinhos para tirarem o demónio de mim.”*

**Revolta** - Situação em que um ou ambos os progenitores se sentem privados do ciclo de vida que haviam idealizado e se sentem revoltados com o mundo em geral.

Grupo 1: *“se calhar houve ai...criou-se ai um pequeno bloqueio. Que também se calhar não foi ainda ultrapassado porque eu ainda não a pressionei para falarmos sobre isso. Mas... sim se calhar um pequeno bloqueio mas nada de muito forte. Não é nenhuma tensão, nenhuma agressividade, nada disso”.*

**Depressão** - À medida que a situação se torna, cada vez mais, impossível de rejeitar um ou ambos os progenitores começa a adaptar-se à ideia de uma nova realidade.

Grupo 2: *“(...) ela vai chorar e reagir bastante mal, penso que sim. É capaz de deprimir bastante”.*

**Aceitação** - este estágio permite/permitirá que um ou ambos os progenitores encarem a orientação sexual do filho/a pacificamente.

Grupo 1: *“Saudável, muito saudável, sem qualquer tipo de problema, não houve nenhum tipo de negação ou de “isso um dia passa”, não, não houve nada disso.”*

Grupo 2: “Vão reagir bem, aceitar porque não há outra alternativa e porque eles querem corresponder ao que é esperado, sentem essa necessidade”.

**Quadro 8: Categoria 6 – Estados de luto de Kubler-Ross**

Subcategorias	Grupo 1 (assumidos, n=5)		Grupo 2 (não assumidos, n=5)	
	Unidades de Registo	Número de entrevistados	Unidades de registo	Número de entrevistados
Negação	6	1	1	1
Revolta	2	2	0	0
Depressão	0	0	1	1
Negociação	1	1	0	0
Aceitação	1	1	1	1

No quadro 8 as unidades de registo (UR) dizem respeito ao número de referências efectuadas pelos entrevistados sobre as fases pelas quais os progenitores passaram/irão passar até atingir o nível da aceitação. O número de entrevistados (NE) refere-se ao número de entrevistados que fizeram essas referências.

Ao efetuarmos uma análise geral do quadro 8, podemos verificar que se identificam fatores comuns entre o grupo 1 e 2, sendo eles: negação e a aceitação.

No quadro 8 relativamente ao Grupo 1: Podemos observar que os estádios de luto mais percebidos pelos filhos assumidos perante os progenitores é o estágio da negação (UR = 6). Nesta categoria, este grupo apresenta uma subcategoria que não foi referenciada: Depressão.

Grupo 2: No quadro 8 podemos verificar que este grupo apresenta duas subcategorias a menos: revolta e negociação.

Ryan Huebner & Diaz (2009) verificaram, através de um estudo, que as reações familiares negativas à orientação sexual estão associadas a problemas de

saúde negativos em jovens adultos homossexuais. Desta forma, as reações adversas, punitivas e traumáticas dos pais perante a orientação sexual dos seus filhos terão uma influência negativa sobre os comportamentos de risco e a saúde dos jovens, tendo em conta o papel fundamental que as famílias desempenham ao nível do desenvolvimento das crianças e adolescentes. Assim, de acordo com o mesmo estudo, jovens homossexuais com baixos níveis de rejeição por parte dos pais têm menor risco de depressão, suicídio, uso de substâncias e comportamentos sexuais de risco, comparativamente com os jovens com elevados níveis de rejeição

### **Categoria 7 – Alterações no núcleo familiar**

Desta categoria resultam 2 subcategorias primárias: *confiança, desconstrução do estereótipo, desconfiança, medo*.

**Confiança** – A realização do processo de *coming out* perante os progenitores gerou/irá gerar alterações no seio familiar, no sentido de neste ter passado/passar a existir uma maior confiança entre os seus membros.

Grupo 1: *“passámos a confiar, a contar muito mais coisas uma à outra”*.

Grupo 2: *“talvez nos tornemos confidentes, ele é estranho, tem necessidade de se mostrar moderno (...)”*

**Desconstrução do estereótipo** – A realização do processo de *coming out* perante os progenitores gerou/irá gerar a desconstrução de um eventual estereótipo em relação à população homossexual.

Grupo 2: *“talvez assim veja que as pessoas homossexuais são iguais às outras (...)”*.

**Medo** – A realização do processo de *coming out* perante os progenitores originou/irá originar um ambiente hostil em que o medo da reação à revelação pode/poderá condicionar o sistema de comunicação familiar.

Grupo 2: *“Não sei, não sei. É imprevisível, com ela nunca se sabe pode tornar-se agressiva”*

**Tranquilidade** – A realização do processo de *coming out* perante os progenitores proporcionou/irá proporcionar tranquilidade nas relações familiares, bem como a quem fez a revelação.

Grupo 1: “(...) a partir daí eu pude contar-lhe onde ia, com quem ia, para ela ficar mais tranquila, isso de alguma forma não só a tranquilizava mais como também a acabava por aproximar mais da minha vida (...)”.

**Quadro 9: Categoria 7 – Alterações no núcleo familiar**

	Grupo 1 (assumidos, n=5)		Grupo 2 (não assumidos, n=5)	
<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>	<b>Número de entrevistados</b>	<b>Unidades de registo</b>	<b>Número de entrevistados</b>
Confiança	7	3	1	1
Desconstrução do estereótipo	0	0	3	1
Medo	0	0	1	1
Tranquilidade	1	1	0	0

No quadro 9 as unidades de registo (UR) dizem respeito ao número de referências efectuadas pelos entrevistados sobre as alterações que se fizeram/irão fazer sentir após o processo de *coming out*. O número de entrevistados (NE) refere-se ao número de entrevistados que fizeram essas referências.

Ao efetuarmos uma análise geral do quadro 9, podemos verificar que se identificam fatores comuns entre o grupo 1 e 2, sendo eles: confiança e desconstrução do estereótipo.

No quadro 9 relativamente ao Grupo 1: Podemos observar que a subcategoria mencionada com maior frequência é: confiança (UR = 7). Nesta categoria, este grupo apresenta duas subcategorias que não foram referenciadas: desconstrução do estereótipo e medo.

Grupo 2: No quadro 9 podemos verificar que este grupo apresenta, tal como no grupo 1, uma subcategoria a menos: tranquilidade. No entanto, das subcategorias referidas, a que é referenciada mais vezes é a: desconstrução do estereótipo (UR= 3).

## **4.8. Análise e discussão dos resultados**

Após a descrição dos dados obtidos, daremos início a uma análise mais detalhada dos mesmos, bem como à sua discussão. A análise e a discussão dos resultados serão organizadas de acordo com os objetivos de investigação a que nos propusemos. Para uma melhor interpretação complementaremos este capítulo com informação considerada na revisão bibliográfica.

### **4.8.1. Processo de auto-aceitação**

O primeiro objectivo específico da investigação passa por conhecer como foi o processo de auto-aceitação dos participantes.

De acordo com os resultados obtidos nas entrevistas realizadas a ambos os grupos, é-nos possível verificar que, na sua generalidade, para o grupo 1, o processo decorreu de modo complicado. No que respeita ao grupo 2, encontrando-se este em desvantagem numérica, não nos é possível avaliar comparativamente se este grupo enfrentou mais ou menos dificuldades no processo de auto-aceitação. No entanto, importa salientar que nenhum dos entrevistados fez referência a situações complicadas como a negação ou a tentativa de ocultar perante si a evidência da sua orientação sexual. Assim, ao analisarmos atentamente o quadro 3, é-nos possível constatar que o grupo 2 não fez menção a ter enfrentado situações complicadas, negativas, rápidas e/ou normais. Perante esta situação, podemos inferir que quando se fala em auto-aceitação, as pessoas não assumidas tendem a atribuir inferências positivas ao discurso.

Ao analisarmos os resultados obtidos podemos constatar que o processo de auto-aceitação, dos participantes, se mostrou complicado (NE = 4). (Quadro 3).

Os motivos inerentes a esta subcategoria incluem:

*“Como eu já disse, mesmo complicado, sempre tentei negar e sempre fiz tudo para que as pessoas não pensassem que eu era ou nem sequer ficassem com a dúvida.”*  
(A1)

*““Andei a remoer e a remoer sobre o assunto” (A4)*

*“(...) foi um bocado complicado, portanto: (...) provavelmente as primeiras vezes que me comecei a aperceber ou a ter alguns sinais internos foi (...) com 13 anos e a primeira vez que eu falei sobre isto a alguém foi com 21.” (A3)*

O segundo aspeto mais apontado pelo grupo 1 foi o de que o processo de auto-aceitação sucedeu de um modo rápido:

*“A descoberta foi, não sei, rápido.” (A2)*

*“Nunca tive grandes problemas em relação a isso, aceito-me de qualquer forma” (A4)*

A auto-aceitação, regra geral, não é fácil. Tal facto, em grande parte deve-se à elevada homofobia internalizada e conseqüente baixa da auto-estima levando os indivíduos, muitas vezes, a cometer actos auto-destrutivos e auto-mutilatórios (Oliveira, 2004 - coimbra).

#### **4.8.2. Processo de tomada de decisão**

Para responder ao segundo objectivo de investigação, podemos inferir que a ausência de bem-estar e a luta pela liberdade de expressão são os motivos mais apontados para o processo de tomada de decisão em revelar a orientação sexual ao núcleo familiar.

*“Não posso continuar a negar uma coisa que faz parte de mim.” (A1)*

*“Já estava completamente aceite perante mim próprio, achei que era bom.” (A1)*

*“Tava a falar com a minha mãe e queria-lhe dizer que estava apaixonada e não sei quê e...e ela disse “então mas conta-me lá. Tens um namoradinho” e não sei quê. E eu “olha por acaso não, tenho uma namorada” e não sei quê. E pronto foi assim. Ao meu pai não...foi mais tipo, sentados à mesa e txam txam.” (A4)*

*“Especialmente em alturas em que nós vamos...e eles falam sobre as namoradas dos meus irmãos.” (NA1)*

*“Eu sinto-me...algo mal. Especialmente em alturas em que nós vamos...e eles falam sobre as namoradas dos meus irmãos. E eu sinto-me um bocado...pronto, injustiçada por uma injustiça que eu própria fiz, não é?!” (NA1)*

*“É assim... eu só tomei essa decisão porque às vezes, sei lá, quero falar e não quero estar a pensar no que vou falar para não me sair uma coisa que eles achem esquisito.” (A4)*

#### **4.8.3. Influência do processo de *coming out* nas relações familiares**

Com o intuito de dar resposta ao terceiro objectivo de investigação focamo-nos na necessidade de compreender de que forma a revelação da orientação sexual pode exercer influência na comunicação familiar.

Assim, para o grupo 1 foram produzidas 10 unidades de registo tendo, para o mesmo, sido a subcategoria maior proximidade a que mais vezes foi referida (UR = 3).

*“Tornei-me mais próximo da minha mãe” (E1)*

*“Com a minha mãe senti-me mais próximo, mais confiante, se calhar.” (E1)*

#### **4.8.4. Repercussões do processo de *coming out***

As repercussões do processo de *coming out* mais sentidas pelo grupo 1 (UR = 2/NE = 2) e 2 (UR = 1/ NE = 1) prendem-se com a manutenção do comportamento por parte dos membros do núcleo familiar. Esta subcategoria poderá, desta forma, encontrar-se interligada ao potencial nível de aceitação existente por parte dos progenitores aquando da revelação da orientação sexual do filho.

*“Pelo menos eu sempre fui uma pessoa bastante fria em relação à minha mãe e acho que se manteve, não nos aproximou mais no sentido de dar mais abraços ou beijos, acho que não.” (E1)*

*“Nada! Praticamente nada. Só pequenos comportamentos que já referi mas de resto nada.” (E3)*

*“Nada, porque eu sempre fui uma pessoa muito calada e muito (...). Eu nunca falei muito sobre essas coisas com os meus pais. Portanto...não se vai alterar nada, nesse sentido.” (NA1)*

Goldfried e Goldfried (2001) fazem referência à necessidade de apoio e aceitação por parte da família na busca pela qualidade de vida de gays e lésbicas. À medida que estes sentem que continuam a ser amados e protegidos pela família, os

problemas sociais trazidos pela homossexualidade acabam por se tornar menos difíceis de enfrentar.

Em algumas situações, os progenitores chegam ao ponto de festejar a diferença dos seus filhos, encarando a homossexualidade como uma expressão legítima da sexualidade humana. Deste modo, quando são questionados sobre se gostariam que os seus filhos pudessem mudar, respondem que, na realidade, preferiam mudar a sociedade homofóbica para que o filho pudesse viver a sua vida sem rejeição e medo (Rede ex aequo, 2004).

Noutra linha de estudos, outros autores (Herdt & Koff, 2002; Zera, 1992) encontraram fatores facilitadores do ajustamento familiar. Nomeadamente, verificou-se que a existência de uma relação positiva entre pais e filhos prévia à revelação da orientação sexual é indulgente do processo de ajustamento familiar. Verificou-se igualmente que o contato com um modelo positivo da comunidade *gay*, a participação em reuniões de associações onde existem outros pais de *gays* e *lésbicas* e a participação em programas educativos sobre questões da orientação ou identidade sexual são fundamentais para a transformação das atitudes dos pais em relação aos filhos.

#### **4.8.5. Fatores que influenciam a aceitação parental**

Através dos resultados, não nos é possível identificar quais os efeitos inerentes ao processo de aceitação parental para ambos os grupos.

Embora no grupo 1 exista uma subcategoria com 3 unidades de registo (proximidade afectiva) estas foram produzidas apenas por um participante (UR = 3/ NE = 1).

*“Com a minha mãe senti-me mais próximo, mais confiante, se calhar.”*

*“Tornei-me mais próximo da minha mãe (...)”*

#### **4.8.6. Estados de luto de Kubler-Ross**

Através dos resultados podemos inferir que a percepção sobre o processo de aceitação dos progenitores é, para o grupo 1, maioritariamente de aceitação.

*“Saudável, muito saudável, sem qualquer tipo de problema, não houve nenhum tipo de negação ou de “isso um dia passa”, não, não houve nada disso.” (A)*

*“O meu pai não sei, o meu pai disse-me “ah eu sempre achei” o que é uma estupidez... Disse-me “pois, não sei quê, és muito bruta. E não és nada feminina, és lésbica.” Mas pronto, lá está os estereótipos saem muito... mas pronto...tirando isso ele aceitou bastante bem.” (A4)*

No entanto, importa referir que o caso específico do grupo 1 existe um caso que merece a nossa atenção. A participante (A4) apesar de fazer referência à aceitação por parte do pai, percepção o processo de aceitação da mãe de um modo absolutamente negativo (NE =1/ UR =6).

*“Fez aquele suspiro, aquele som e depois disse: “ai filha, mas vocês são só amigas, de certeza.” (A4)*

*“E depois ela passou à frente e disse “ ai, as raparigas com as outras raparigas, só podem ser amigas...” E depois, não disse nada. Depois continuou a ver o telejornal.” (A4)*

*“E não sei, acho que ela ainda precisa de esperar um bocadinho mais para acreditar. Isto também, é como eu disse. É uma coisa também um pouco recente e...se calhar ela com o tempo depois vai perceber um bocadinho melhor.” (A4)*

No que concerne à aceitação, ler sobre o tema e participar em reuniões de associações LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes) pode ser uma grande ajuda para que a mesma possa acontecer. Os progenitores, até atingirem a plena aceitação da orientação sexual do filho, poderão não querer abordar o assunto, apesar de aceitarem, ou então, podendo suceder, nas famílias em que não se aceita tão bem, a interpretação de tudo o que indivíduo faz ou diz é consequência direta da sua orientação. Nem todos os pais chegam a aceitar a orientação sexual do filho. Alguns conseguem chegar até aqui, no entanto, outros continuam a amar os filhos sem aceitar a sua orientação (Frazão & Rosário, 2008).

Alguns autores (Dahlheimer & Feigl, 1994, cit. por Pachankis & Goldfried, 2004) sugerem que a reação das famílias à revelação da orientação sexual dos filhos pode ser equiparada ao célebre modelo de estádios do luto de Kubler-Ross (1969): negação; raiva; culpa; aceitação; e esperança.

Logo após a revelação, é também bastante comum que as famílias tentem encontrar uma razão para o filho ser *gay* ou lésbica, formulando explicações lineares que assentam na culpabilização de uma pessoa ou de acontecimentos da infância.

Associado a estas ideias, surge nos progenitores um sentimento de vergonha que passa pelo receio de que a sociedade considere que a homossexualidade do seu filho seja fruto de uma educação inadequada. São também frequentes sentimentos de perda em relação à idealização de um futuro heterossexual para o filho que passaria, nomeadamente, pelo casamento e pela reprodução (Frazão & Rosário, 2008).

As reações negativas produzidas pelos pais baseiam-se também num conjunto de medos em relação aos seus filhos, nomeadamente que estes os excluam da sua vida quando entrarem no mundo *gay*, que sejam rejeitados pelos pares ou vítimas de violência, que sejam excluídos da congregação religiosa, que se envolvam em actividades promíscuas, que contraiam SIDA, ou que não encontrem um parceiro com quem possam estabelecer uma relação duradoura (Cianciotto & Cahill, 2003; Herdt & Koff, 2002; Saltzburg, 2004).

Estas reações familiares podem ser agravadas pelo contexto cultural em que ocorrem. Os jovens pertencentes a minorias étnicas (e.g., latinos ou afro-americanos, no caso dos Estados Unidos da América), para além das reações familiares habituais ao *coming out* experienciam um conflito adicional, na medida em que a sua comunidade considera a homossexualidade proveniente e exclusiva da cultura branca dominante (Newman & Muzzonigro, 1993).

#### **4.8.7. Alterações no núcleo familiar**

Esta categoria foi construída com o intuito de dar resposta ao objetivo:

Foi-nos possível constatar que, para o grupo 1, a partir do momento em que a orientação sexual foi revelada aos progenitores passou a existir um sentimento de maior confiança tendo sido a subcategoria anteriormente referida aquela em que se registou um número superior de unidades de registo e de entrevistados que lhe fizeram referência (UR = 7/ NE = 3).

*“Eu acho que se tornou ligeiramente mais próxima porque a partir daí eu pude contar-lhe onde ia, com quem ia, para ela ficar mais tranquila, isso de alguma forma não só a tranquilizava mais como também a acabava por aproximar mais da minha vida.” (E1)*

Sanders (1993) deixa transparecer a ideia de que a grande maioria das mães que têm filhas lésbicas parece esperar que a orientação sexual da filha se altere. Com isso, acaba por predominar a intolerância e o inconformismo, tornando-se assim a família, para a grande maioria de lésbicas, a principal preocupação.

Por sua vez, o grupo 2 identifica a desconstrução do estereótipo como uma eventual alteração no núcleo familiar após o processo de *coming out*, no entanto apesar de terem sido produzidas 3 UR estas foram efectuadas apenas por 1 participante (NE = 1).

*“Demonstrar que não são, não estão a ser preconceituosos. (...) Estão a tentar contrariar um preconceito que já têm. Acho que provavelmente, mais a minha mãe (...)” (NA1)*

## Conclusão

Acerca da temática em estudo; este é um tema ainda pouco estudado no contexto da psicologia e da psiquiatria portuguesas, cujas respetivas comunidades científicas ignoraram com alguma frequência os avanços efetuados no campo dos estudos *sobre* a orientação sexual. Acresce a este facto, a tendência generalizada para separar o estudo da população *gay* e lésbica do estudo da família (Frazão e Rosário, 2008). Não obstante começam actualmente a surgir mais estudos sobre esta temática, no entanto a sua grande maioria é feita junto da população heterossexual (Venâncio, 2010).

A revelação da orientação sexual homossexual à família é o problema que afecta qualquer jovem homossexual, quer exista uma boa ou má relação com o núcleo familiar. Tal como referido no corpo teórico, muitos jovens LGBT optam por fazer o *coming out* apenas a um grupo restrito, das suas relações, que passa pelos amigos mais próximos e, eventualmente, à família nuclear (Ryan, 2004; Frazão & Rosário, 2008). O papel da família, dos amigos, das instituições de ensino, entre outros, é muito importante para o desenvolvimento saudável dos jovens LGBT. Como tal, é necessário trabalhar junto destes contextos (Rede ex aequo, 2006), uma vez que só assim a mudança de mentalidades começa a ser feita e os níveis de homofobia, discriminação, preconceito e de consequências negativas começarão a diminuir, promovendo uma abertura para o *coming out* de todos aqueles que ainda não tomaram essa iniciativa (Venâncio, 2010).

De um modo geral os estudos mostram-nos que perante uma situação de *coming out* a notícia, geralmente, não é bem aceite por um ou ambos os progenitores. Relativamente a esta situação Ryan (2004) mostra-nos que, na generalidade, aquando da revelação da orientação sexual, os pais reagem através de sentimentos opostos. Poucos são os que aceitam a notícia desde início, sendo que a maioria, rejeita a ideia havendo abertura para atitudes de violência e de grande hostilidade. Alguns homossexuais chegam mesmo a ser expulsos de casa pelos progenitores.

Ao verificarmos as etapas que os progenitores percorrem, no processo de aceitação da orientação sexual dos filhos, podemos concluir que existe esforço nesse sentido. Importa salientar que as dificuldades que enfrentam não estão ligadas à ausência de amor, nem à falta de vontade de aceitar os/as filhos/as, mas sim com o facto de se preocuparem com a presença dos descendentes numa sociedade que está padronizada para heterossexuais. No que respeita a este tema, importa ainda salientar que embora sejam definidas etapas, para que o processo de aceitação possa

acontecer, trata-se de uma classificação para fins didáticos, uma vez que estas fases acabam por se entrelaçar e, muitas vezes, os progenitores não chegam a vivenciá-las todas; havendo alguns que saltam etapas, pais que não prosseguem ou ainda alguns que fazem um retrocesso em alguma delas. Poucos são os pais que aceitam a revelação com facilidade e nem todos o conseguem fazer.

Podemos induzir, através dos resultados deste estudo que a população homossexual assumida perante os progenitores (Grupo 1) tem uma maior abertura para abordar o tema da sua orientação sexual, tendo assim surgido maioritariamente participantes que já efetuaram o processo de *coming out* diante dos pais. Por outro lado, apesar de termos identificado alguns aspetos pouco favoráveis à revelação da orientação sexual tornou-se notória a expectativa de uma plena aceitação após o processo (Grupo 2).

A realização deste estudo poderá, eventualmente, permitir que no futuro sejam efectuadas mais investigações que nos permitam compreender, a grande escala, qual a influência e efeitos do processo de *coming out*, no estilo de vida de pessoas homossexuais. No seguimento, sugere-se ainda a construção de projectos/investigações que nos permitam avaliar que sentimentos emergem nos progenitores aquando da descoberta da orientação sexual dos filhos.

A construção de questionários sobre esta temática, bem como a adaptação à população portuguesa de materiais já existentes em outros países, poderá ser útil em situações que mereçam atenção dos serviços de apoio psicológico hospitalares e/ou escolares.

**Actualmente existem estudos, sobre a temática da homossexualidade, como construção social, sobre as causas desta orientação sexual, terapias alternativas e aspectos jurídicos e direitos humanos, para esta minoria que, actualmente é uma das maiores.** É necessário ainda investir na temática da orientação sexual no sentido de alertar a população para a necessidade de igualdade e de respeito pela diversidade sexual. Algumas associações (Rede Ex-Aequo, AMPLOS, ILGA) têm promovido alguns trabalhos neste sentido, no entanto, a adesão é marcadamente efetuada pela população homossexual, existindo o receio geral pelo estereótipo em participar em manifestações e marchas que defendem os direitos destas pessoas.

Os meios de comunicação social poderão exercer influência positiva no sentido de alertar e demonstrar a importância em abordar esta temática, através de curtas-metragens, documentários, ficção nacional e ainda entrevistas a personalidades do jet

set português que sejam assumidos perante a sociedade alertando, deste modo, também para o sentido de igualdade e normalidade. De acordo com Venâncio (2010), começa agora a existir uma maior abertura, por parte da população heterossexual, no contacto com esta realidade, por outro as pessoas homossexuais começam agora a sair da sombra e a revelar a sua orientação sexual.

No que respeita a esta temática, têm sido dados passos importantes não apenas na investigação científica, mas também no que respeita a alterações da qualidade de vida destas pessoas (baseadas em evidências). Considerar a orientação sexual homossexual como uma *alternativa* válida, nem melhor nem pior que a heterossexual, tem ajudado não só a diminuir o sofrimento como a melhorar a vida destes homens e destas mulheres. Desta forma, torna-se crucial trabalhar afincadamente para que possa existir, cada vez mais, uma alteração de comportamentos e mentalidades e para que, de geração em geração, os valores transmitidos promovam, cada vez mais, a igualdade social entre os indivíduos sendo que, para isso, a elaboração deste tipo de estudos é um bom ponto de partida.

## Referências

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alessi, H., Ahn, B., Kulkin, H., & Ballard, M. (2011). An exploratory study: Lesbian identity development and attachment style. Retrieved from [http://counselingoutfitters.com/vistas/vistas11/Article\\_72.pdf](http://counselingoutfitters.com/vistas/vistas11/Article_72.pdf)
- American Psychological Association (2008). *Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation & homosexuality*. Washington: Psychnet.
- Arán, M., & Corrêa, M. V. (2004). Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: Reconhecimento Social e Jurídico do Casal Homossexual. *Physis: Revista de Saúde Colectiva*, 14 (2), 329-341.
- Ardila, R. (2007). Terapia afirmativa para homossexuales y lesbianas. *Revista colombiana de psiquiatria*, 36(1), 67-77.
- Bailey, J. M., & Benishay, D. S. (1993). Familial aggregation of female sexual orientation. *American Journal of Psychiatry* 150, 272–277.
- Baptist, J. A. (2002). Coming out: One Family Story. Dissertação de Doutorado não publicada. Faculty of Virginia Polytechnic Institute and State University.
- Bardin, L. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beeler, J., & DiProva, V. (1999). Family Adjustment Following Disclosure of Homosexuality by a Member: Themes Discerned in Narrative Accounts. *Journal of Marital and Family Therapy*, 25 (4), 443-459.
- Beja, M. J. G. P. (2009). Escola e família: da inevitabilidade da comunicação à construção de uma realidade relacional. Dissertação de Doutorado.

Benincá, C. R. S. (1994). Permutas intergeracionais na família: convergências e divergências no comportamento e nos valores. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Bernardes, D.L.G. (2003). Dizer «não» aos estereótipos sociais: As ironias do controlo mental. *Análise Psicológica*, 3 (21), 307-321.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Borges, R. C. (2009). *Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Brasil.

Cancissu, C. R. P. (2007). *Lésbicas, família de origem e família escolhida: Um estudo de caso*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

Carneiro, I. (2009). *Homossexualidade: discriminação leva a abandonar a escola*. in «www.jnoticias.pt». Acedido em 27.05.2012.

Cass, V. C. (1979). Homosexual identity formation: a theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4, 219-235.

Cianciotto, J., & Cahill, S. (2003). *Issues Affecting Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth*. New York: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute.

Cohler, B. J. & Hammack, P. L. (2007). The psychological world of the gay teenager: Social change, narrative, and “normality”. *Journal of youth and adolescence*, 36, 47-59.

Collins, N.L., & Miller, L.C. (1994). Self-disclosure and liking: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 116, 457-475.

Costa, C. O. M., Lopes, C. P. A., Souza, R.P. & Patel B.N. (2001). Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria*, 77(2), 217-24.

Costa, D. (2008). *As representações sociais da Homossexualidade e o papel da assumpção da identidade sexual e do sexo de pertença nas atitudes para com os homossexuais*. Tese de Mestrado: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto.

Degges-White, S., Rice, B., & Myers, J. E. (2000). Revisiting Cass' theory of sexual identity formation: A study of lesbian development. *Journal of Mental Health Counseling*, 22(4), 318 - 333.

Diamond, G. M., Jurgensen, E. & White, K. (2007). *Adapting Attachment-Based Family Therapy for Depressed and Suicidal Gay, Lesbian, and Bisexual Adolescents*. *Focal Point*, 21(2), 16 – 18.

Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: A percepção dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 4(1).

Fairchild, B., & Hayward, N (1996). *Agora que você já sabe: o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Record.

Figueira, S. A. (1991). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. Em S. A. Figueira (Org.), *Nos bastidores da psicanálise* (pp.11-30). Rio de Janeiro: Imago.

Flick, U. (2002). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.

Foddy, W. (1996). *Como perguntar*. Oeiras: Celta Editora.

Fontaine, P. J. (1989). Familles saines. In J.-P. Pourtois (Ed.), *Les thématiques en education familiale* (pp. 67-83). Bruxelles: De Boeck Université.

Fortin, M. (1999). *Processo de investigação*. Lisboa: Lusociência.

Foucault, M. (1998). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Frazão, P. & Rosário, R. (2008). O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1(26), 25-45.

Frazão, P. (2010). Gays e lésbicas e família: Contributos da terapia familiar. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010

Freud, S. (1905/2001). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil (trabalho original publicado em alemão em 1905).

Freud, S. (1920/1969). A psicogénese de um caso de homossexualismo numa mulher. *In Edição standart brasileira das obras de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 157-183). Rio de Janeiro: Imago (trabalho original publicado em alemão em 1920).

Freud, S. (1922/1969). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, paranóia e no homossexualismo. *In Edição standart brasileira das obras de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 235-247). Rio de Janeiro: Imago (trabalho original publicado em alemão em 1922).

Garnets, L., & Kimmel, D. (1993). *Lesbian and gay male dimensions in the psychological study of human diversity*. In L. Garnets & D. Kimmel (Eds.), *Psychological perspectives on lesbian and gay male experiences* (pp. 1-51). New York: Columbia University Press.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O inquérito: a teoria e a prática*. Oeiras: Celta editora.

Goldfried, M. R., & Goldfried, A. P. (2001). The Importance of Parental Support in the Lives of Gay, Lesbian, and Bisexual Individuals. *Psychotherapy in Practice*, 57(5), 681-693.

Gómez, G. R., Flores, J. G. & Jiménez, E. G. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Archidona: Ediciones Aljibe.

Greeff A. P. (2000). Characteristics of Families That Function Well. *Journal of Family Issues*, 21,948-962.

Hammack, P. (2005). The life course development of human sexual orientation: An integrative paradigm. *Human Development*, 48, 267-290.

Herdt, G., and Boxer, A.M. (1993) *Children of horizons: how gay and lesbian teens are leading a new way out of the closet*. Beacon Press, Boston.

Herdt, G., & Koff, B. (2002). *Tenho uma coisa para vos dizer: O percurso de uma família com um filho homossexual*. Porto: Âmbar (trabalho original publicado em inglês em 2000).

Herek, G.M. (1988). Heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: Correlates and gender differences. *The Journal of Sex Research*, 25(4), 451-477.

Herek, G.M. (2002). Gender gaps in public opinion about lesbians and gay men. *Public Opinion Quarterly*, 66, 40-66.

Herek, G.M. (2004). Beyond "homophobia": Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Journal of NSRC*, 1(2), 6 – 18.

Hershberger SL, Pilkington NW, D'Augelli A. R. (1997). *Predictors of suicide attempts among gay, lesbian, and bissexual*. Youth. Journal of Adolescent Research, 12, 477–497.

Junqueira, D. J. (2009). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Edições MEC/Unesco.

Kirby, M. (2003). *The 1973 deletion of homosexuality as a psychiatric disorder: 30 years on. Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 37, 674-677.

Kelle, U., & Laurie, H. (1995). *Computer-Aided Qualitative Data Analysis: Theory Methods and Practice*. London: Sage Publications.

Kryzan, C. (2000). *OutProud/Oasis Internet survey of queer and questioning youth*. Sponsored by OutProud, The National Coalition for Gay, Lesbian, Bisexual and Transgender Youth and Oasis Magazine.

Kubler-Ross, E. (1969). *On death and dying*. New York: Scribner.

Kubler-Ross, Elisabeth (1995). *Morir es de vital importancia*. Barcelona: Luciérnaga Ediciones [Este livro é a transcrição da conferência proferida em Barcelona pela autora, em Novembro de 1992].

Kubler-Ross, Elisabeth (1997). *The wheel of life: a memoir of living and dying*. New York: Touchstone.

Kubler-Ross, Elisabeth (1999). *The tunnel and the light: essential insights on living and dying with a letter to a child with cancer*. New York: Marlowe & Company. [Este livro, para além de carta a Dougy, contém as transcrições de algumas conferências proferidas por Kübler-Ross: 1ª conferência em Estocolmo (1980); 2ª conferência em Estocolmo (1981); conferência em Washington (1982); conferência na Virginia (1985)].

Lalanda, P. (1998). Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*, 33(148), 871-883.

LaSala, M. C. (2000). Lesbian, Gay Men, and Their Parents: Family Therapy for the Coming out Crisis. *Family Process*, 39, 67-81.

Liskin, L., Kak, N., Rutledge, A., Smith, L. C. & Stewart, L. (1985). Youth in the 1980s: Social and health concerns. *Population Reports*, 9, 1-44.

Maciel dos Santos, C. J. & Ferreira, G. C. (2001). Orientação sexual: desafios que precisam ser enfrentados e vencidos por pais, professores e adolescentes da 7ª série de uma escola estadual de Belém. Trabalho de final de curso

Machado, M. M. E. (2008). *Aliança parental, coesão e adaptabilidade familiar ao longo do ciclo vital da família*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa

Maroy, C. (1997). A análise qualitativa de entrevistas. In Albarello (Org.). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 117-155). Lisboa: Gradiva Publicações.

Minayo, M. C. (1993). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/Abrasco.

Mineiro, A. M. M. (2010). Atitudes homofóbicas: as percepções, receios e preconceitos no seio das famílias. <http://rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-2010-atitudes-homofobicas-as-percepcoes-receios-preconceitos-no-seio-familias.pdf>

Minuchin, S. (1979). *Familles en Thérapie*. Paris, J.P. Delarge (1991). Calidoscopio familiar imágenes de violencia e coración. Barcelona: Ed. Paidós.

Minuchin, S., & Fishman, H. C. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Milheiro, J. (2001). *Sexualidade e Psicossomática*. Coimbra: Almedina.

Mott, L. (2003). Orientações: 10 verdades sobre a homossexualidade. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/orienta-verdades.html>>. Acessado em: 25 agosto 2009.

Myers, M. F. (1982). Counseling the Parents of Young Homosexual Male Patients. In J. C. Gonsiorek (Ed.), *Homosexuality and Psychotherapy. A Practitioner's Handbook of Affirmative Models* (number 4 of the Book Series, Research on Homosexuality, pp. 131-143). New York: Haworth Press.

Naphy, W. (2004). *Born to be Gay: a History of Homosexuality*. Stroud: Tempus.

Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cadernos de Pesquisas em Administração*, (1-3).

Newman, B. S., & Muzzonigro, P. G. (1993). *The Effects of Traditional Family Values on the Coming Out Process of Gay Male Adolescents*. *Adolescence*, 28(109), 213-227.

Nunan, A. (2003). *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Editora Caravansa

Oliveira, P. P. (2004). *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG

Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.

Olson D. H. & Gorall D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3ªEd., pp. 514-547). New York: Guilford.

Oswald, R. M. (2002). Inclusion and Belonging in the Family Rituals of Gay and Lesbian People. *Journal of Family Psychology*, 16(4), 428-436.

Pachankis, J. P., & Goldfried, M. R. (2004). Clinical Issues in Working with Lesbian, Gay, and Bisexual Clients. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training*, 41(3), 227-246.

Palma, Y. A., & Levandowski, D. C. (2008). Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicologia em estudo*, 13(4), 771-779.

Pérez-Sancho, B. (2005). *Homosexualidad: Secreto de Família. El manejo del secreto en familias com algún miembro homosexual*. Madrid: Egales.

Patterson, C. J. (2000). Family relationships of lesbians and gay men. *Journal of marriage and family*, 62(4), 1052-1069.

Perrin, E. C., Cohen, K. M., Gold, M., Ryan, C., Savin- Williams, R. C., & Schorzman, C. M. (2004). Gay and Lesbian Issues in Pediatric Health Care. *Current Problems of Pediatric Adolescent Health Care*, 34, 355-398.

Pillard, R. C., Weinrich, J. D. (1986). Evidence of Familial Nature of Male Homosexuality. *Arch Gen Psychiatry*, 43(8), 808-812.

Polit, D., Beck, C. T., & Hungler, B. P. (2004). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. Porto Alegre: Artmed.

Polit, D., & Hungler, B. P. (1995). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gadiva.

Remafedi, G. (1987) Adolescent homosexuality: psychosocial and medical implications. *Pediatrics* 79:331–337.

Rede ex-aequo (2004), “Como assumir-se aos pais?”. Página consultada a 22 de Dezembro de 2004. Disponível em <http://ex-aequo.web.pt/pais2.html>

Rede *ex aequo* – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes (2006). *Manual de Coordenadores de Grupos de Jovens LGBT* (2ªed.).

Relvas, A. P. (2000). *O Ciclo Vital da Família*. Porto: Afrontamento

Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da família* (4ªed.). Porto: Edições Afrontamento.

Rodrigues, A. (2006). A homofobia como sintoma na família. Universidade de Estadual Paulista. Consultado em 8 de Abril de 2010 em [http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/anais do XIX encontro/71 aretusa de paula rodrigues.pdf](http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/anais%20do%20XIX%20encontro/71%20aretusa%20de%20paula%20rodrigues.pdf).ENCONTRO/71\_ARETUSA\_DE\_PAULA\_RODRIGUES.pdf.

Ryan, C. (2004). Families of lesbian, gay and bisexual adolescents. *Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care*, 34(10), 369-375.

Ryan, C., Huebner, D., Diaz, R. M., & Sanchez, J. (2009). Family rejection as a predictor of negative health outcomes in white and Latino lesbian, gay and bisexual young adults. *Pediatrics*, 123(1): 346-352.

Saiete, S. K. F. (2011). *Construção e gestão da identidade homossexual das lésbicas em Moçambique*. Monografia

Sanders, G. L. (1993). The Love that Dares to Speak its Name: From Secrecy to Openness – Gay and Lesbian Affiliations. In E. Imber-Black (Ed.), *Secrets in Family Therapy*. New York: Norton.

Saltzberg, S. (2004). Learning that na adolescente child is gay or lesbian: The parent experience. *Social Work*, 49(1), 109-118.

Saltzberg, S. (2007). Narrative Therapy Pathways for Re-authoring with Parents of Adolescents Coming-out as Lesbian, Gay, and Bisexual. *Contemp. Fam. Ther.*, 29, 57-69.

Sampaio, D. (2003). *Vagabundos de Nós*. Lisboa: Editorial Caminho.

Scrivner, R. & Eldridge, N. S. (1995). Lesbian and Gay Family Psychology. In R.H. Mikesell, D.D. Lusterman e S. H. McDaniel (Eds.), *Integrating Family Therapy*:

*Handbook of Family Psychology and Systems Theory* (327-345). Washington D.C.: A.P.A.

Spencer, C. (1999). *Homossexualidade: uma história*. (2ª ed). Rio de Janeiro: Record (traduzido do original em inglês *Homosexuality – A History*, 1995).

Strommen, E. F. (1989a). "You're a what?" Family members reactions to the disclosure of homosexuality. *Journal of Homosexuality*, 18, 37-58.

Savin-Williams, R. C. (1998). The Disclosure to Families of Same-Sex Attractions by Lesbian, Gay, and Bisexual Youths. *Journal of Research on Adolescence*, 8(1), 49-68.

Savin-Williams, R. C. (2005). *The New Gay Teenager*. Cambridge: Harvard University Press.

Suplicy, M. (2000). *Conversando sobre sexo*. Rio de Janeiro: Vozes.

Taquette, S. R., Vilhena, M. M., Paulo dos Santos, U. P., Vianna de Barros, M. M. (2004). Relatos de experiencia homossexual em adolescentes masculinos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(2), 399-407.

Thinder, M.T. (2008). Predcting homonegative behaviour: A cognitive or affective interprise?. Tese de pós-graduação: Universidade de Saskatchewan.

Tribuna, M. F. (2000). *Famílias de acolhimento e vinculação na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Famílias e Sistemas Sociais. Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra:Texto Policopiado.

Vala, J. (2003). Análise de conteúdo. In A. Silva, & J. Pinto (Org.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Venâncio, J. (2010). *Homofobia e consequências da (não) assumpção da homossexualidade: Um estudo sobre a visão LGBT*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Weeks, Jeffrey (1999), «The Sexual Citizen», in Mike Featherstone (org.) (1999), *Love & Eroticism*. London: Sage.

Whitley, B. E., & Lee, S. E. (2000). The relationship of authoritarianism and related constructs to attitudes toward homosexuality. *Journal of Applied Social Psychology*, 30,144-170.

Yarhouse, M. A. (1998). When families present with concerns about an adolescent's experience of same-sex attraction. *The American Journal of Family Therapy*, 26, 321-330.

Zera, D. (1992). Coming of age in a heterosexist world: The development of gay and lesbian adolescents. *Adolescence*, 27 (108), 849-855.

## Anexo 1

### Questionário Sociodemográfico

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Habilitações Literárias: 9º ano\_\_\_\_ 12º ano\_\_\_\_ Licenciatura\_\_\_\_  
Mestrado\_\_\_\_ Doutoramento\_\_\_\_

Situação Profissional: Empregado(a)\_\_\_\_ Desempregado(a)\_\_\_\_

Localidade de Residência: \_\_\_\_\_

Estado Civil: Solteiro(a)\_\_\_\_ Casado(a)\_\_\_\_ Divorciado(a)\_\_\_\_ Viúvo(a)\_\_\_\_

Tem filhos? Sim\_\_\_\_ Não\_\_\_\_ Se sim, quantos?\_\_\_\_\_

Tem actualmente um relacionamento amoroso? Sim\_\_\_\_ Não\_\_\_\_

Vive com os pais? Sim\_\_ Não\_\_ Se não, desde quando? \_\_\_\_\_

É assumido(a) perante os pais? Sim\_\_ Não\_\_ Se sim, desde quando?\_\_\_\_\_

## Anexo II - Guião de entrevista: Indivíduos/as assumidos/as

**Entrevistados:** 10 indivíduos/as com orientação sexual homossexual.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Questões
<p><b>Bloco A:</b> Legitimação da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista.</li> <li>• Justificar o tema e a entrevista.</li> <li>• Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da entrevistadora.</li> <li>• Informar o/a entrevistado/a sobre:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- tema;</li> <li>- objetivos do estudo;</li> <li>- responsáveis,</li> <li>- metodologia</li> <li>- apresentação / divulgação dos dados.</li> </ul> </li> <li>• Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar.</li> <li>• Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista.</li> <li>• Assegurar a confidencialidade e o anonimato.</li> <li>• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.</li> <li>• Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.</li> </ul>

<p><b>Bloco B:</b> Caracterização sócio-demográfica do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o/a entrevistado/a e a sua situação de saúde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dados do Questionário Sócio-Demográfico: <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Caracterização do entrevistado/a: <ul style="list-style-type: none"> <li>- sexo</li> <li>- idade</li> <li>- estado civil</li> <li>- nº de filhos</li> <li>- distrito</li> <li>- residência (meio rural ou urbano)</li> <li>- habilitações académicas</li> <li>- profissão</li> <li>- situação laboral</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
<p><b>Bloco C:</b></p>	<p>Abordar o modo como o processo de coming out afecta as relações familiares</p>	<p>Questões 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7</p>
<p><b>Bloco D:</b></p>	<p>Identificar as repercussões que resultam da vivência do processo de coming out</p>	<p>Questões 8, 9, 10, 11 e 12</p>

<b>Bloco E:</b>	Verificar se a reação à revelação da orientação sexual homossexual pode ser equiparada ao modelo de estados de luto de Kubler-Ross;	Questões 13 e 14
<b>Bloco F:</b>	Identificar os recursos da família que ajudaram a ultrapassar a crise instalada pela revelação da orientação sexual homossexual;	Questão 15
<b>Bloco G:</b>	Identificar a interpretação atribuída à revelação da Orientação sexual homossexual, quer pelos pais, quer pelos filhos;	Questões 16, 17 e 18
<b>Bloco H:</b>	Verificar se o estilo parental existente influencia o processo de aceitação da Orientação sexual homossexual.	Questões 19 e 20

**Questões:**

1. Sente que já se aceitou como homossexual?
  - 1.1. Como foi esse processo de aceitação?
2. Quando é que tomou consciência da sua Orientação sexual?

3. Quando tomou consciência da sua Orientação sexual, com quem decidiu falar primeiro?
4. Quando tomou a decisão de revelar a sua orientação sexual aos seus pais?
5. O que é que o/a levou a revelar a sua orientação sexual aos seus pais?
6. A quem decidiu contar primeiro e porquê?
7. A partir do momento da revelação da sua orientação sexual, aos seus pais, o que é que mudou na vossa relação?
8. Como se sente relativamente ao facto de os seus pais terem conhecimento da sua Orientação sexual?
9. Como sente que os seus pais reagiram à revelação?
10. O que esperava que fosse diferente?
11. O que sente que se alterou na sua relação com a sua família?
12. O que é que sente que se alterou na demonstração de afeto, por parte dos seus pais?
  - 12.1. O que é que sente que se alterou na comunicação familiar?
13. Como considera ter sido o seu processo de aceitação em relação à sua orientação sexual?
14. Como considera ter sido o processo de aceitação, dos seus pais, em relação à sua orientação sexual?
15. O que considera ter sido fundamental para que o processo de aceitação, dos seus pais, pudesse acontecer?
16. Que interpretação considera que os seus pais atribuíram à revelação da sua orientação sexual?
17. O que é que se alterou na sua relação com os seus pais após ter revelado a sua orientação sexual?
18. De que forma considera que a revelação da sua orientação sexual, aos seus, o/a ajudou?
19. Fale-me um pouco sobre a forma como pretendeu desde sempre relacionar-se com os seus pais.
  - 19.1. Ao longo do seu desenvolvimento que posturas considera que os seus pais adoptaram para controlar os seus passos?
  - 19.2. Que dificuldades, a nível da relação com os seus pais, encontrou ao longo do seu crescimento?
  - 19.3. Mudaria algo no passado relacional com os seus pais? O quê?
20. Os seus pais conhecem o/a seu/sua namorado/a?

20.1. O/a seu/sua namorado/a frequenta a sua casa?

20.2. Como gere os momentos em que estão todos no mesmo espaço?

### Anexo III – Guião de entrevista: Indivíduos não assumidos

**Entrevistados:** 10 indivíduos/as com orientação sexual homossexual.

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Questões
<p><b>Bloco A:</b> Legitimação da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Legitimar a entrevista.</li><li>• Justificar o tema e a entrevista.</li><li>• Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação da entrevistadora.</li><li>• Informar o/a entrevistado/a sobre:<ul style="list-style-type: none"><li>- tema;</li><li>- objetivos do estudo;</li><li>- responsáveis,</li><li>- metodologia</li><li>- apresentação / divulgação dos dados.</li></ul></li><li>• Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar.</li><li>• Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista.</li><li>• Assegurar a confidencialidade e o anonimato.</li><li>• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.</li><li>• Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.</li></ul>

<p><b>Bloco B:</b> Caracterização sócio-demográfica do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o/a entrevistado/a e a sua situação de saúde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dados do Questionário Sócio-Demográfico: <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Caracterização do entrevistado/a: <ul style="list-style-type: none"> <li>- sexo</li> <li>- idade</li> <li>- estado civil</li> <li>- nº de filhos</li> <li>- distrito</li> <li>- residência (meio rural ou urbano)</li> <li>- habilitações académicas</li> <li>- profissão</li> <li>- situação laboral</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
<p><b>Bloco C:</b></p>	<p>Abordar o modo como o processo de coming out afecta as relações familiares</p>	<p>Questões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8</p>
<p><b>Bloco D:</b></p>	<p>Identificar as repercussões que resultam da vivência do processo de coming out</p>	<p>Questões 9, 10, 11 e 12</p>

<b>Bloco E:</b>	Verificar se a reação à revelação da orientação sexual homossexual pode ser equiparada ao modelo de estados de luto de Kubler-Ross;	Questões 13 e 14
<b>Bloco F:</b>	Identificar os recursos da família que ajudaram a ultrapassar a crise instalada pela revelação da orientação sexual homossexual;	Questões 15 e 16
<b>Bloco G:</b>	Identificar a interpretação atribuída à revelação da Orientação sexual homossexual, quer pelos pais, quer pelos filhos;	Questões 16
<b>Bloco H:</b>	Verificar se o estilo parental existente influencia o processo de aceitação da Orientação sexual homossexual.	Questões 18 e 19

**Questões:**

1. Sente que já se aceitou como homossexual?
  - 1.1. Como foi esse processo de aceitação?
2. Pensa revelar a sua Orientação sexual aos seus pais?

3. Porque motivo tem adiado a decisão de revelar a sua orientação sexual aos seus pais?
4. No momento em que revelar a sua Orientação sexual irá fazê-lo ao mesmo tempo, para ambos os pais?
5. Quando tomou consciência da sua Orientação sexual, a quem decidiu contar primeiro e porquê?
6. Algum membro da sua família tem conhecimento da sua Orientação sexual? Quem?
7. O que considera que se irá alterar a partir do momento em que revelar a sua Orientação sexual, aos seus pais?
8. A partir do momento em que tomou consciência da sua orientação sexual, o que é que se alterou na sua relação com os seus pais?
9. Como se sente em relação ao facto de os seus pais não terem conhecimento da sua Orientação sexual?
10. Como sente que os seus pais vão reagir à revelação?
11. Como espera que seja esse momento?
12. O que é que sente que se irá alterar na demonstração de afeto, por parte dos seus pais?
  - 12.1. O que é que sente que se vai alterar na comunicação familiar?
13. Como considera ter sido o seu processo de aceitação, em relação à sua orientação sexual?
14. Como considera que será o processo de aceitação dos seus pais, relativamente à sua Orientação sexual?
15. O que considera ser fundamental para que o processo de aceitação, dos seus pais, possa acontecer?
16. Qual dos seus pais considera que terá mais dificuldades em aceitar a sua Orientação sexual? Porquê?
17. De que forma considera que a revelação da sua orientação sexual, aos seus pais, o/a irá ajudar?
18. Fale-me um pouco sobre a forma como pretendeu desde sempre relacionar-se com os seus pais.
  - 18.1. Ao longo do seu desenvolvimento que posturas considera que os seus pais adoptaram para controlar os seus passos?
  - 18.2. Que dificuldades, a nível da relação com os seus pais, encontrou ao longo do seu crescimento?

- 18.3. Mudaria algo no passado relacional com os seus pais? O quê?
- 19. Os seus pais conhecem o/a seu/sua namorado/a?
  - 19.1. O/a seu/sua namorado/a frequenta a sua casa?
  - 19.2. Como gere os momentos em que estão todos no mesmo espaço?

## Anexo IV – Consentimento Informado

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Número ID: \_\_\_\_\_

### CONSENTIMENTO INFORMADO

O estudo centrar-se-á na compreensão das percepções dos filhos sobre a aceitação da sua orientação sexual no núcleo familiar e a sua influência no processo de coming out.

Para tal, será efectuada uma entrevista.

Com o objectivo de uma mais eficaz recolha da informação, a entrevista será gravada, estando garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos. As informações prestadas são apenas para fins de investigação. Não há respostas incorrectas, o importante é a sua opinião.

Os procedimentos desta pesquisa não resultarão em nenhum dano físico ou psicológico, ficando salvaguardada a sua identidade e a de todos os participantes.

A sua participação não implicará nenhum custo financeiro.

A colaboração neste estudo é voluntária, pelo que pode não concordar em participar na investigação ou retirar-se dela a qualquer momento.

Eu, \_\_\_\_\_  
, afirmo concordar participar voluntariamente no projecto de investigação levado a cabo por Denise Filipa da Silva Reis, englobado no Projecto da sua Dissertação de Mestrado, orientado pela Prof. Doutora Heldemerina Pires da Universidade de Évora.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Investigadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Participante